

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO E ALIMENTOS



Dissertação de Mestrado

**O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE FRUTAS, LEGUMES E
VERDURAS? UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO ALIMENTAR ENTRE
ESCOLARES**

Merlen Nunes Grellert

Pelotas, 2015

Merlen Nunes Grellert

**O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE FRUTAS, LEGUMES E
VERDURAS? UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO ALIMENTAR ENTRE
ESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Nutrição e Alimentos.

Orientadora: Samanta Winck Madruga

Coorientadoras: Helen Gonçalves e Ivana Loraine Lindemann

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G825q Grellert, Merlen Nunes

O que as crianças pensam sobre frutas, legumes e verduras? : um estudo sobre o consumo alimentar entre escolares / Merlen Nunes Grellert ; Samanta Winck Madruga, orientadora ; Ivana Loraine Lindemann, Helen Gonçalves, coorientadoras. — Pelotas, 2015.

91 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Nutrição, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Criança. 2. Consumo alimentar. 3. pesquisa qualitativa. I. Madruga, Samanta Winck, orient. II. Lindemann, Ivana Loraine, coorient. III. Gonçalves, Helen, coorient. IV. Título.

CDD : 641.1

Merlen Nunes Grellert

**O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE FRUTAS, LEGUMES E
VERDURAS? UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO ALIMENTAR ENTRE
ESCOLARES**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Nutrição e Alimentos, Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, Faculdade de Nutrição, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27 de fevereiro de 2015

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Samanta Winck Madruga (Orientador - Presidente)

Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Helen Gonçalves

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Mestre Ivana Loraine Lindemann

Mestre em epidemiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Denise Petrucci Gigante

Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof^a. Dr^a. Marilda Borges Neutzling

Doutora em Ciências (Nutrição) pela Universidade Federal de São Paulo

DEDICATORIA

Dedico esse trabalho ao meu pai, Guido Grellert, e ao meu irmão, William Nunes Grellert, por acreditarem em mim e por todo carinho e incentivo que sempre recebi, os quais são essenciais em mais essa etapa da minha vida.

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é produto de um trabalho realizado no Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos, da Universidade Federal de Pelotas e o volume final é composto de cinco partes, na seguinte ordem: 1) projeto de pesquisa; 2) relatório de trabalho de campo; 3) artigo formulado a partir do projeto; 5) apêndices e anexos (apresentados na ordem de citação).

O projeto de pesquisa foi qualificado em Dezembro de 2013, perante banca composta pelas professoras Prof^a. Dr^a Samanta Winck Madruga, Prof^a Dr^a Helen Gonçalves, Prof^a Mestre Ivana Loraine Lindemann, Prof^a. Dr^a. Renata Menasche, Prof^a. Dr^a. Mariangela da Rosa Afonso. A versão do projeto neste volume incorpora as sugestões consideradas pertinentes. O artigo intitulado Consumo de frutas, legumes e verduras entre escolares de Pelotas-RS: uma abordagem qualitativa, compõem a dissertação e será encaminhado para o periódico científico Revista de Nutrição.

RESUMO

GRELLERT, Merlen Nunes. **Consumo de frutas, legumes e verduras entre crianças: o que pensam sobre eles? 2015.** 91f. Dissertação (Mestrado em Nutrição e Alimentos) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Objetivo: Avaliar o consumo e identificar, no contexto familiar, os motivos que levam as crianças a consumirem ou não frutas, legumes e verduras (FLV). Métodos: Estudo qualitativo desenvolvido na cidade de Pelotas-RS, entre fevereiro e agosto de 2014. A amostra foi composta por crianças de três escolas, entre seis e sete anos de idade, e mães/responsáveis. Em cada escola, foram realizados três encontros que incluíram conversas, discussões em grupo com produção de desenhos e uso de imagens de alimentos. Com as mães/responsáveis foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Os dados transcritos foram submetidos à análise de conteúdo. Resultados: As crianças justificaram a aceitação ou rejeição à aparência e ao sabor das FLV. Sendo o sabor doce como o principal determinante da aceitação das frutas. Crianças que receberam maior incentivo de suas mães/responsáveis para consumirem FLV justificaram suas escolhas alimentares com propriedade, relataram ter FLV disponíveis em casa, relacionaram os alimentos com doenças e classificaram as FLV como saudáveis. Crianças que receberam menor incentivo associaram o consumo de FLV a alimentos industrializados e referiam consumir as FLV disponíveis na escola. Entre as mães/responsáveis a relação do afeto com a oferta de FLV se fez presente, relacionado ao cuidado entre as com maior incentivo e ao prazer entre as demais. Conclusão: O consumo de FLV esteve relacionado com os aspectos organolépticos, a disponibilidade nos ambientes, o conceito de saudável, a presença ou ausência de doença na família, a preocupação/cuidado materno e o prazer. Estes aspectos ganham maior ou menor peso conforme as compressões e conhecimento materno/familiar sobre o que é uma criança saudável e o papel dos alimentos no seu bem estar.

Termos de indexação: Criança, Consumo alimentar, Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

GRELLERT, Merlen Nunes. **Consumption of fruits and vegetables among children: what they think about them? 2015.** 91f. Dissertação (Mestrado em Nutrição e Alimentos) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas

Objective: Evaluate the intake and identify, within the family, the reasons that lead children to consume or not fruits and vegetables (FLV). **Methods:** Qualitative study conducted in the city of Pelotas, between February and August 2014. The sample consisted of children from three schools, between six and seven years old, and mothers / guardians. In each school, there were three meetings that included talks, group discussions with production drawings and use of food pictures. With mothers / guardians semi-structured interviews were conducted. The transcribed data were subjected to content analysis. **Results:** Children justified the acceptance or rejection of the appearance and taste of the FLV. Being the sweet taste as the main determinant of acceptance of fruit. Children who received further encouragement from their mothers / guardians to consume FLV justified their food choices with property, reported FLV available at home, related foods with disease and classified the FLV as healthy. Children who received less incentive associated the consumption of fruits and vegetables to processed foods and consume referred FLV available at school. Among the mothers / guardians to affect the relationship with the offer of FV was present, related to care among those with greater incentive and pleasure among others.

Conclusion: FLV consumption was related to the sensory aspects, the availability in the environment, the concept of healthy, the presence or absence of disease in the family, the concern / maternal care and pleasure. These aspects gain more or less weight as compressions and maternal / family knowledge about what is a healthy child and the role of food in their welfare.

Indexing terms: Child, Food Consumption, Qualitative Research.

| | |
|--------------------------|----|
| Projeto de Pesquisa..... | 8 |
| Relatório de Campo..... | 64 |
| Artigo | 75 |

PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Nutrição

Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos



Projeto de Dissertação

**O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE FRUTAS, LEGUMES E
VERDURAS? UM ESTUDO SOBRE CONSUMO ALIMENTAR ENTRE
ESCOLARES**

Merlen Nunes Grellert

Pelotas, 2013

MERLEN NUNES GRELLERT

**O que as crianças pensam sobre frutas, legumes e verduras? Um estudo
sobre consumo alimentar entre escolares**

Projeto de Pesquisa
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Nutrição e Alimentos da
Universidade Federal de Pelotas como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Nutrição e
Alimentos. Linha de Pesquisa:
Nutrição.

Orientadora: Samanta Winck Madruga

Coorientadoras: Helen Gonçalves e Ivana Loraine Lindemann

Pelotas, 2013

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a Samanta Winck Madruga

Prof^a Dr^a Helen Gonçalves

Prof^a Mestre Ivana Loraine Lindemann,

Prof^a. Dr^a. Renata Menasche

Prof^a. Dr^a. Mariangela da Rosa Afonso

Resumo

GRELLERT, Merlen Nunes. **O que as crianças pensam sobre frutas, legumes e verduras? Um estudo sobre consumo alimentar entre escolares. 2013.** 55f. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A ingestão de uma maior variedade de frutas e verduras garante um adequado consumo da maior parte dos micronutrientes, fibras e fatores nutricionalmente essenciais à manutenção da saúde (BRASIL, 2006). Apesar do incentivo das instituições de saúde, crianças em idade escolar apresentam consumo de FV aquém das recomendações (ASSIS et al., 2010). Para essa faixa etária esse comportamento tem consequências importantes, a curto e a longo prazo (PONTES et al., 2009; MADRUGA et al., 2011). Muitas intervenções em saúde vêm sendo realizadas no intuito de aumentar o consumo de FV entre crianças (PERIKKOU et al., 2013), que no entanto, não têm conseguido modificar o perfil de consumo dos escolares. Possivelmente essa modificação não ocorre pela valorização dada aos aspectos técnicos da nutrição nas intervenções, em detrimento dos fatores socioculturais envolvidos no comportamento e no hábito alimentar (BLEIL, 1998). Portanto é importante conhecer os componentes envolvidos no consumo de FV de crianças, pois comer é um fenômeno que comporta grande complexidade (MOTTA e BOOG, 1991). No entanto poucos são os estudos que abordam esses aspectos. Por isso o objetivo desse estudo é avaliar barreiras e valores socioculturais associados ao consumo de FV entre crianças (6-7 anos), em Pelotas, Rio Grande do Sul (RS). Para tanto este trabalho pretende utilizar a abordagem qualitativa para obter uma aproximação investigativa. Para que o estudo se desenvolva, um conjunto de técnicas será utilizado. Serão realizadas conversas informais, conversas dirigidas, discussões em grupo com uso de imagens e produção de desenhos, e observação do ambiente e das interações entre elas.

Palavras-chave: Criança. Consumo alimentar. Frutas. Vegetais. Análise qualitativa.

Lista de Tabelas

| | | |
|-----------|--|----|
| Tabela 1 | Revisão bibliográfica de estudos com abordagem quantitativa sobre consumo de FV entre crianças em idade escolar, de agosto a novembro de 2013..... | 20 |
| Tabela 2 | Revisão bibliográfica de estudos com abordagem qualitativa na nutrição, de agosto a novembro de 2013..... | 21 |
| Tabela 3. | Revisão bibliográfica de estudos com abordagem qualitativa sobre consumo de FLV entre crianças em idade escolar, de agosto a novembro de 2013..... | 21 |

Sumário

| | | |
|-----|---|----|
| 1. | Apresentação | 15 |
| 2. | Introdução | 17 |
| 3. | Revisão de Literatura..... | 20 |
| | 3.1 Abordagem quantitativa do consumo de frutas e vegetais..... | 22 |
| | 3.2 Abordagem qualitativa do consumo alimentar..... | 27 |
| 4. | Justificativa | 36 |
| 5. | Objetivos | 37 |
| 6 | Materiais e Métodos | 38 |
| 7. | Aspectos Éticos | 42 |
| 8. | Orçamento | 43 |
| 9. | Cronograma | 44 |
| 10. | Referências | 45 |
| 11. | Apêndices..... | 54 |
| 12. | Anexos | 61 |

1. Apresentação

Sou natural de Pelotas e tive minha formação acadêmica toda nessa cidade. Graduei-me em Nutrição pela Universidade Federal de Pelotas onde também fiz pós-graduação como residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde na área de concentração Saúde da Criança. Durante a residência estive em contato com os mais diversos campos de atuação da nutrição no cuidado da saúde da criança dentro do Sistema Único de Saúde, da promoção à saúde e prevenção de doenças ao tratamento dietoterápico específico. Como nutricionista, entendo ser importante o consumo de frutas legumes e verduras (FLV) para a manutenção da saúde em qualquer fase da vida e durante minha residência deparei-me com um público tão diferenciado, que vê o mundo e sua comida de uma maneira própria, mas ao mesmo tempo está dependente dos adultos, principalmente a família, e para o qual o consumo desses alimentos tem suma importância no crescimento, desenvolvimento e formação de hábitos. No entanto, em minhas vivências como profissional e como consumidora pude perceber que o consumo alimentar de uma criança está atrelado a questões que vão além das biológicas, e que o conhecimento ou informações transmitidas a essa população ou seus responsáveis não garantem uma mudança em sua forma de se alimentar. Na busca por uma resposta para o baixo consumo de FLV encontrei muitos estudos quantitativos que dizem de formas diferentes a mesma coisa: baixo consumo de FLV na população. Então a próxima pergunta que me fiz foi: como modificar essa realidade? Foi quando refleti sobre minha forma de interagir com meu paciente. De forma geral quando a criança chega ao consultório vem acompanhado de responsáveis. É realizada a avaliação nutricional e a anamnese, geralmente respondida pelo adulto acompanhante. A criança fica à margem da conversa apenas observando, quando de alguma forma tenta se expressar é reprimida. A partir dessa avaliação é realizada a prescrição do tratamento. Mas, na verdade o que se sabe sobre a criança? O que ela gosta? Quais as situações que a levam a consumir ou não determinados alimentos? O que ela entende como alimentos que fazem bem para sua saúde? Quando busquei estudos sobre educação alimentar e nutricional a situação se repetia. Para realizar uma intervenção era realizada uma avaliação nutricional e, após, ações de educação alimentar e nutricional.

Os resultados eram sempre os mesmos, não houve mudança no perfil nutricional das crianças. Mas o que as crianças sabiam mesmo sobre o assunto? O que elas pensavam sobre isso? O que elas gostariam de aprender? O que o seu ambiente social ensinava? Por isso, para esse projeto propus-me, apoiada por minhas orientadoras, a observar sob uma nova perspectiva o consumo de FLV entre as crianças. Assim, o presente trabalho tem por objetivo avaliar valores socioculturais associados às FLV entre crianças (6-7 anos), em Pelotas, Rio Grande do Sul (RS). Para isso será utilizado uma metodologia qualitativa, método não tão familiar para a nutrição, mas capaz de incorporar a questão do significado e intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais.

2. Introdução

De acordo com O Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2006) fruta é a parte que rodeia a semente de plantas, possui aroma característico, rica em suco e com sabor adocicado. Já as verduras e legumes são plantas ou partes de plantas que servem para consumo humano. As partes normalmente consumidas são as folhas, frutos, caules, sementes, tubérculos e raízes. Denomina-se “verdura” quando a parte comestível do vegetal são as folhas, flores, botões ou hastes. Utiliza-se a denominação “legume” quando as partes comestíveis são os frutos, sementes ou as partes que se desenvolvem na terra. No entanto, dependendo da região e da cultura alimentar, as pessoas podem denominar de maneiras distintas os alimentos vegetais, sendo assim podem classificar como “verdura” todo o grupo de verduras e legumes. Apesar de alimentos como feijão, arroz, batata entre outros serem alimentos de origem vegetal eles não são classificados no grupo das frutas, legumes e verduras (FLV) e recebem outra denominação de acordo com suas características nutricionais (BRASIL, 2006).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda consumo mínimo diário de 400g de frutas e vegetais. Não há limite superior para o grupo. A base principal para recomendar o aumento do consumo de FLV está na possibilidade desses alimentos substituírem outros de alto valor energético e baixo valor nutritivo. Além de sua contribuição no balanço energético, eles podem introduzir nutrientes com efeitos significativos na saúde geral dos indivíduos e, mais especificamente, na prevenção de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) como obesidade, diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares e certos tipos de câncer (WHO, 2003).

A obesidade, na infância e na idade adulta, associa-se a uma incidência maior de doença coronariana, diabetes tipo 2 e câncer. A ingestão aumentada de frutas e vegetais têm sido apontada como preventiva no desenvolvimento da obesidade. Esse efeito se deve à menor densidade energética desses alimentos, com aumento da saciedade (WHO, 2003). Apesar das recomendações nutricionais das instituições de saúde, nos últimos anos vêm ocorrendo mudanças significativas no consumo alimentar em sentido contrário, como por exemplo: o aumento no consumo de alimentos ricos em gordura e a

redução no consumo de FLV. Um inquérito nacional - Pesquisa de Orçamento Familiar, realizado em 2008-09, mostrou que FLV correspondem a apenas 2,8% das calorias totais consumidas diariamente por indivíduos com 10 anos ou mais de idade, ou cerca de ¼ das recomendações para o consumo desses alimentos/dia (IBGE, 2010).

Apesar de não haver recomendações específicas para o consumo de FLV na infância (WHO, 2003) as crianças em idade escolar também apresentam baixo consumo desses alimentos (ASSIS *et al.*, 2010; COSTA; ASSIS, 2012; COSTA; VASCONCELOS e CORSO, 2012). Para essa faixa etária esse comportamento tem consequências importantes, uma vez que os padrões alimentares formados na infância tendem a permanecer ao longo da adolescência e vida adulta (MIKKILA *et al.*, 2004; MADRUGA *et al.*, 2011). Além disso, ter hábitos alimentares saudáveis na infância levará – além do crescimento e desenvolvimento normais – a menores chances de desenvolver problemas de saúde na idade adulta (ROMANI e LIRA, 2004; COSTA *et al.*, 2008; PONTES *et al.*, 2009).

Muitas intervenções em saúde vêm sendo realizadas no intuito de aumentar o consumo de FLV entre crianças (PERIKKOU *et al.*, 2013; MCGOWAN *et al.*, 2013; WIJESINHA-BETTONI *et al.*, 2013; ZANCUL e VALETA, 2009; SILVEIRA *et al.*, 2011). No entanto, elas não têm conseguido modificar o perfil de consumo dos escolares. Possivelmente essa modificação não ocorre pela valorização dada aos aspectos técnicos da nutrição nas intervenções, em detrimento dos fatores socioculturais envolvidos no comportamento e no hábito alimentar (BLEIL, 1998). Sabe-se que as escolhas alimentares estão atreladas às questões socioculturais, ou seja, o que se come, onde e em qual situação, como, com quem, com que frequência e em que idade, são aspectos importantes que influenciam escolhas (MINTZ, 2001).

Comer é um fenômeno que comporta grande complexidade e possui componentes cognitivos (conhecimento), afetivos (sentimentos e atitudes) e situacionais (onde, quando, com quem, como, acesso, disponibilidade) (MOTTA e BOOG, 1991). Sendo assim, o comportamento alimentar de uma criança não está isento dessas influências absorvidas, mantidas e ressignificadas pela família, mídia, grupos e instituições de ensino ou de saúde

(ROSSI; MOREIRA e RAUEN, 2008; SCHMITZ, *et al.*, 2008; ROSSI *et al.*, 2010).

Poucos estudos com abordagem qualitativa sobre o consumo de FLV entre crianças são realizados na área da saúde, principalmente na literatura nacional (VARGAS, 2009; CUNHA; SOUZA; MACHADO, 2010). Entre os trabalhos existentes sobre o consumo alimentar infantil, muitos têm como público alvo os pais ou outros adultos, logo, em dado nível, desconsideram a maneira como as crianças pensam e explicam suas escolhas e influências alimentares (ROTENBERG e VARGAS, 2004; ASSAO e MANCUSO, 2008; ATERO; JACOBO e SALINAS, 2010). É importante que se conheça além do que as crianças consomem de FLV, qual é o entendimento, a percepção delas sobre as FLV. Crianças possuem uma notável capacidade de apreender, reproduzir e comunicar os significados culturais de suas escolhas, ideias e comportamentos (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010).

3. Revisão de Literatura

A revisão bibliográfica foi dividida em duas etapas. A primeira teve como objetivo identificar publicações científicas sobre o consumo de frutas e vegetais entre crianças em idade escolar. Foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, LILACS e SciELO. Não houve restrição para o ano de publicação e a busca foi orientada pela combinação dos seguintes descritores: consumo de alimentos/*food consumption* ou/or *dietary pattern/nutrition diet* ou/or nutrição da criança/*child nutrition*, e/and criança/*child/children/niño* ou/or infância/*childhood*, e/end fruta/*fruit* ou/or verduras/*vegetable*. Foram rejeitados os estudos realizados apenas com crianças em idade pré-escolar ou com adolescentes. Na base de dados PubMed os seguintes limites foram ativados: *humans; languages: english, spanish, portuguese; ages: child: birth-18 year*.

Assim, após a exclusão das publicações não relevantes ao tema proposto (inicialmente pelo título e depois pela leitura do resumo) e dos repetidos, a revisão da literatura ficou restrita a 23 publicações. Todos os artigos foram lidos integralmente e utilizados como base para este projeto. A Tabela 1 apresenta o número de artigos encontrados em cada uma das bases de dados.

Tabela 1. Revisão bibliográfica sobre consumo de FLV entre crianças em idade escolar, de agosto a novembro de 2013.

| | PUBMED | LILACS | SCIELO | Total |
|---|--------|--------|--------|-------|
| Artigos encontrados | 366 | 225 | 69 | 660 |
| Títulos selecionados | 32 | 16 | 18 | 66 |
| Artigos relevantes não repetidos | 7 | 8 | 8 | 23 |

Muitos estudos epidemiológicos têm apresentado os fatores associados ao baixo consumo de FLV, mas poucos explicam as razões desse fenômeno. Devido a isso, a segunda etapa dessa revisão teve por objetivo abordar os diferentes componentes que influenciam o comportamento alimentar das crianças, destacando aqueles relacionados ao consumo de FLV. Para tanto foram utilizadas duas combinações de descritores, a saber: nutrição, análise qualitativa e pesquisa qualitativa (LILACS e SciELO) e comportamento alimentar/*feeding behavior/conducta*, or/ou alimentação/*feeding/ alimentacion*

alimentaria ou/or nutrição/nutrition/nutricion, e/and crianças/child/children/niño, ou/or infância/childhood, e/and antropologia/anthropology/antropologia ou/or pesquisas qualitativas/qualitative analysis, e/and frutas/fruits e/and vegetais/verduras/vegetable (PubMed, LILACS e SciELO). Foram rejeitados os artigos que não apresentaram população na idade escolar ou que o objetivo não contemplasse o interesse deste estudo. A Tabela 2 apresenta o número de artigos encontrados em cada base de dados a partir da primeira combinação de descritores e a Tabela 3 os artigos encontrados com a segunda combinação de descritores.

Tabela 2. Revisão bibliográfica de estudos com abordagem qualitativa na nutrição, de agosto a novembro de 2013.

| | LILACS | SCIELO | Total |
|---|--------|--------|-------|
| Artigos encontrados | 32 | 93 | 125 |
| Títulos selecionados | 5 | 14 | 19 |
| Artigos relevantes não repetidos | 2 | 2 | 4 |

Tabela 3. Revisão bibliográfica de estudos com abordagem qualitativa sobre consumo de FLV entre crianças em idade escolar, de agosto a novembro de 2013.

| | PubMED | LILACS | SCIELO | Total |
|---|--------|--------|--------|-------|
| Artigos encontrados | 187 | 43 | 32 | 262 |
| Títulos selecionados | 38 | 1 | 7 | 46 |
| Artigos relevantes não repetidos | 5 | 1 | 6 | 12 |

Desta forma, o texto que segue descreve a situação atual do país em relação ao consumo de FLV segundo as duas últimas pesquisas nacionais: Pesquisa de Orçamento Familiar (POF, 2008/2009) e Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2009) e faz um resumo dos 23 artigos encontrados na primeira etapa da revisão, os quais quantificam e descrevem os percentuais de consumo de FLV entre as crianças em idade escolar. Além destes, serão resumidos os achados dos 16 estudos encontrados na literatura com abordagem psicossocial e antropológica que utilizaram métodos qualitativos de análise.

3.1 Abordagem quantitativa do consumo de frutas, legumes e verduras

Não existe estudo nacional que determine as prevalências de consumo de FLV entre as crianças em idade escolar, apenas estudos que avaliaram adolescentes e adultos. E para a descrição atual do consumo alimentar e de FLV no Brasil foram utilizadas duas grandes pesquisas nacionais como a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) e a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). A primeira foi realizada com as famílias brasileiras e a segunda com adolescentes, com idades entre 13 e 15 anos, do 9º ano do ensino fundamental (antiga 8ª série) de escolas públicas ou privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal.

Dados da POF 2008-2009 mostraram que os gastos com a aquisição de FLV nas famílias brasileiras foi de apenas 7,9%, valor pequeno comparado com os gastos com outros grupos alimentares. O baixo percentual despendido à FLV ocorre independente da região do país, da área de moradia (seja ela rural ou urbana) e da classe social (IBGE, 2010a). Esta pesquisa não descreve o consumo entre as crianças, no entanto, adultos e adolescentes, independentemente do sexo, apresentaram uma ingestão de FLV aquém das recomendações preconizadas pelo Ministério da Saúde, e em contrapartida, um consumo elevado de alimentos processados, refinados, ricos em açúcares, sal e gorduras e pobres em micronutrientes (IBGE, 2010b).

A PeNSE conta com duas edições (2009 e 2012) e suas publicações mostram resultados semelhantes aos da POF 2008-2009. Foi observada prevalência de consumo de vegetais de pelo menos cinco vezes na semana anterior à pesquisa, de 31,3% no ano de 2009 e 30,2% quando realizada no ano de 2012. Da mesma forma, foi observada prevalência de consumo de frutas frescas, pelo menos cinco vezes na semana, inferior a 50% em 2009 e a 51,5% em 2012. Em contrapartida, a pesquisa demonstrou que alimentos ricos em açúcares, classificados como guloseimas, foram consumidos cinco vezes na semana ou mais, por praticamente metade dos adolescentes nas duas edições (IBGE, 2012).

Os estudos brasileiros, descritos abaixo, que avaliaram o consumo de FLV entre escolares (entre seis e 10 anos de idade) encontraram variações entre 40,4% e 52,0% para frutas; 8,9% e 41,7% para vegetais e 2,7% a 48,5% para

legumes (GRILLO *et al.*, 2005; OLIVARES, *et al.*, 2005; MONDINI *et al.*, 2007; CONCEIÇÃO *et al.*, 2010; MONTEIRO e MATIOLI, 2010; ASSIS *et al.*, 2010; MATUK *et al.*, 2011; COSTA e ASSIS, 2012; COSTA; VASCONCELOS e CORSO, 2012).

Grillo *et al.* (2005) estudaram 819 crianças e adolescentes (5-12 anos de idade), pertencentes a famílias de baixa renda, moradores em Camboriú/SC objetivando avaliar os riscos nutricionais dessas crianças e adolescentes matriculadas na rede de ensino pública do município. Verificaram a ingestão alimentar por meio de um questionário de frequência alimentar e observaram um consumo insuficiente de vegetais (80%) e frutas (48%) entre a população estudada.

Estudo realizado com escolares (média 6,7 anos), ingressantes das primeiras séries do ensino fundamental das escolas públicas da cidade de Cajamar/SP, descreveu o consumo de alimentos classificados por eles como saudáveis (frutas, verduras e legumes, leite, feijão, salada verde, sucos naturais) e não saudáveis (refrigerantes, salgados fritos, batata frita, sanduíches, salgadinhos de pacote, bolachas/biscoitos, balas/doces/chocolates). Os relatos enfatizaram uma frequência reduzida de consumo de alimentos “saudáveis” em mais de 1/3 das crianças na área urbana (MONDINI *et al.*, 2007).

Conceição *et al.* (2010) avaliaram 479 crianças e adolescentes entre seis e 16 anos, de escolas públicas e privadas de São Luís/MA, e encontraram uma prevalência de consumo de hortaliças de 41,7% e 40,4% de frutas. Além disso, verificaram que os alimentos menos preferidos pelas crianças e adolescentes eram as frutas (52,6%) e os vegetais (34,4%). Os resultados foram obtidos a partir de um questionário padronizado sobre o consumo alimentar e por meio do Inquérito Alimentar Recordatório de 24 horas e a avaliação do consumo alimentar considerou o número de vezes em que cada grupo de alimentos foi citado na dieta do dia anterior.

Monteiro e Matioli (2010), em pesquisa realizada com crianças com idade entre seis e 11 anos, matriculadas de primeira à quarta séries do ensino fundamental em seis escolas particulares no município de Maringá/PR, verificou que 91,1% dos alunos não consumiam ou consumiam pouco vegetais. Além disso, metade dos alunos apresentou baixo consumo de frutas (50%),

sendo que o consumo considerado ideal nesse estudo foi a ingestão diária de uma a três porções destes alimentos.

Assis *et al.* (2010), avaliaram o consumo alimentar de crianças entre sete e 10 anos, em Florianópolis/SC, a partir do Questionário Alimentar do Dia Anterior (QUADA). Como resultados demonstraram que 50% e 56% das crianças não consumiram frutas e vegetais, respectivamente. Com objetivo semelhante, Costa e Assis (2012), avaliando população com a mesma faixa etária no mesmo município, encontraram, por meio de cinco diários alimentares, que 32,4% e 48,5% dos alunos de escolas públicas e privadas respectivamente consumiam frutas ou vegetais cinco ou mais vezes ao dia, quantidades consideradas como adequadas pelo estudo.

Ao avaliar a composição das lancheiras de crianças, entre sete e 13 anos de idade, do segundo ao quinto ano do ensino fundamental de escolas privadas de São Paulo/SP, Matuk *et al.* (2011), constataram alta frequência de bebidas e alimentos industrializados, ricos em açúcares, sódio e gorduras e a baixa presença de alimentos ricos em fibras, vitaminas e minerais (33% de frutas e 4% de vegetais).

Costa, Vasconcelos e Corso (2012) pesquisaram sobre consumo alimentar em escolares do estado de Santa Catarina, com uma amostra composta por crianças de seis a 10 anos. As análises demonstraram uma média de consumo/dia de frutas e hortaliças de 1,5 vezes. O consumo adequado de frutas e hortaliças (≥ 5 vezes no dia) pelos escolares foi de 2,7%, enquanto que 26,6% não consumiram estes alimentos nenhuma vez ao dia. Para a obtenção dos dados de consumo alimentar, foi utilizada a versão 3 do QUADA.

Em pesquisa realizada na cidade de São Paulo/SP, Hinnig e Bergamaschi (2012), descreveram os itens alimentares mais representativos para o consumo total de energia, carboidratos, proteínas e lipídios para crianças de sete a 10 anos. As FLV não constavam na lista dos alimentos que mais contribuíram para o consumo total exceto quando citaram arroz com legumes. Dessa forma, encontraram que as frutas contribuíram com apenas 1,3% no total de energia consumida pelos escolares e os vegetais quase ausentes, exceto se considerados batatas e mandiocas. Os pesquisadores obtiveram essas informações a partir de três diários alimentares, sendo um de final de semana.

Situação parecida foi encontrada na literatura internacional, em que os percentuais de consumo de FLV variaram entre 2% e 56,3% (KOŁŁATAJ *et al.*, 2011; GLEN *et al.*, 2013; RANI e SATHIYASEKARAN, 2013). Concordando com os resultados dos demais estudos, de baixa ingestão de FLV, Olivares *et al.* (2005) encontraram consumo médio de 200g por dia na sua população de estudo entre crianças matriculadas no quarto ano de escolas de nível socioeconômicos médio e baixo, na região metropolitana de Santiago no Chile. Embora a grande variação que muitas vezes é estabelecida por diferença metodológica entre os estudos, pode-se considerar que o baixo consumo de FLV é prevalente em países do mundo inteiro de distintos níveis de desenvolvimento. Um estudo realizado no Canadá encontrou que entre as crianças e adolescentes de nove a 13 anos de idade o consumo de FLV é menos da metade do que é preconizado para a população infantil desse país (GATES *et al.*, 2012).

Ainda, na literatura encontrada sobre o tema, alguns fatores mostraram-se fortemente associados ao consumo de FLV. A associação entre o consumo de FLV e o tipo de escola (particular ou pública) aparece controversa na literatura, onde duas das pesquisas encontraram prevalência de consumo adequado em proporção mais elevada entre crianças de escolas particulares em comparação com crianças de escolas públicas (ASSIS *et al.*, 2010; COSTA e ASSIS, 2012), enquanto outro estudo não encontrou associação significativa, embora a prevalência tenha sido maior entre os alunos de escola particular (CONCEIÇÃO *et al.*, 2010). Em relação ao sexo, dois estudos associaram as maiores prevalências de consumo adequado de FLV às crianças do sexo feminino (MATUK *et al.*, 2011; COSTA e ASSIS, 2012).

Estudo de Fagundes *et al.* (2008) procurou estabelecer a relação dos hábitos alimentares com a presença de sobrepeso e obesidade, entre crianças e adolescentes de 6 a 13 anos. Os resultados apontaram que aqueles com sobrepeso e os obesos consumiam menos vegetais (25,5%) em comparação com os eutróficos (42,3%). Os indivíduos com sobrepeso e obesidade também foram os que menos relataram o consumo de frutas. Dentre os que as consumiam três a quatro vezes por semana, 10,8% tinham sobrepeso e 10,8% eram obesos, comparados a 43,2% dos eutróficos. Portanto, o hábito de não consumir verduras esteve associado à maior frequência de sobrepeso e

obesidade nessa população ($p < 0,02$), mas não foi encontrada a mesma associação em relação às frutas (p não significativa) (FAGUNDES *et al.*, 2008).

Molina *et al.* (2010) caracterizaram a alimentação em três categorias: baixa qualidade, qualidade intermediária e boa qualidade (consumo diário de FLV). Esse estudo encontrou associação direta da qualidade da alimentação com a escolaridade materna (OR = 3,93; IC 95%: 2,58-5,99), ausência do pai no domicílio (OR = 2,03; IC 95%: 1,68-2,99) e não almoçar à mesa (OR = 1,47; IC 95%: 1,12-1,93). Cabe destacar que o fato de a mãe ser analfabeta ou não ter completado o ensino fundamental aumentou em aproximadamente quatro vezes a probabilidade de a criança ter uma alimentação de baixa qualidade.

Costa, Vasconcelos e Corso (2012) estimaram a frequência e os fatores associados ao consumo adequado de FLV em escolares (6-10 anos), no estado de Santa Catarina e encontraram uma média de consumo desses alimentos de 1,5 vez/dia. Nesse estudo, as variáveis significativamente associadas com o consumo adequado foram a região (região oeste de Santa Catarina) e o consumo de guloseimas (igual ou maior que duas vezes ao dia).

Além disso, a prática de atividade física esteve relacionada à maior chance de consumir FLV em dois estudos. Morin, Turcotte e Perreault (2013) encontraram que as crianças e adolescentes praticantes de atividade física eram mais propensos a comer FLV ($p < 0,05$). Vissers *et al.* (2013) realizaram uma pesquisa entre crianças com idade de 9 a 10 anos em Norfolk, Inglaterra. As crianças completaram um diário alimentar de quatro dias que forneceu dados alimentares, e dados de atividade física foram coletados por acelerometria. Encontraram que aqueles no mais alto quartil de ingestão de FLV eram também os mais ativos fisicamente.

Alguns estudos encontrados não avaliaram o consumo de frutas e vegetais de forma direta, como por exemplo, estudo realizado com crianças entre 4 e 11 anos de idade na cidade de Salvador/BA, que avaliou a condição socioeconômica e o padrão alimentar dessa população. Este encontrou que as crianças de famílias com indicador socioeconômico médio e alto apresentaram maior chance do consumo alimentar ser caracterizado pelo padrão 1 (padrão alimentar com o predomínio de frutas, verduras, leguminosas, cereais e pescados) quando comparadas às pertencentes a famílias com nível socioeconômico menor (D'INNOCENZO *et al.*, 2011). Da mesma forma Silva *et*

al. (2012) constataram influência dos fatores socioeconômicos na adesão ao padrão obesogênico de consumo (padrão caracterizado por eles como baixo consumo de FLV). Ainda, estudo no Reino Unido encontrou associação direta entre o consumo de FLV e nível socioeconômico (MAK *et al.*, 2013).

Embora esses últimos não tenham quantificado o consumo de FLV separados dos outros alimentos é possível perceber que o baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade materna, ausência do pai no domicílio e o não comer à mesa estiveram associados a padrões alimentares aquém das recomendações em termos de frequência de consumo das FLV.

Estudo realizado na Sérvia com crianças e adolescentes entre 8 e 11 anos encontrou que o baixo consumo de frutas, esteve associado com a imposição de pais e professores no consumo de frutas e a não disponibilidade de frutos na escola ($p < 0,001$); o consumo de vegetais esteve associado positivamente ao consumo dos pais ($p < 0,001$) e a disponibilidade desse alimento em casa ($p = 0,04$) (SUMONJA e NOVAKOVIC, 2013).

3.2 Abordagem qualitativa do consumo alimentar

Os estudos etnográficos e outras técnicas qualitativas realizados por antropólogos e sociólogos, no período de 1940 a 1970, foram pioneiros no estudo da alimentação e seus componentes afetivos, cognitivos e situacionais no Brasil (CANESQUI, 1988). A alimentação e os componentes ligados ao ato de alimentar-se ou comer, são um tema que continua sendo estudado pela antropologia. Vários pesquisadores dessa área vêm estudando e mostrando as relações entre sociedade, cultura e alimentação/nutrição (CALVO, 1992; MINTIZ, 2001; BEBER e MENASCHE, 2011; GOLDENBERG, 2011; SILVA *et al.*, 2013), e esses estudos ampliam a concepção social nos estudos de alimentação e nutrição.

Canesqui (2009), realizou um estudo que constitui uma análise do estado da arte da pesquisa qualitativa em Alimentação e Nutrição publicada no período de 1985-2007 na base de dados SciELO. De acordo com os resultados obtidos, dos 327 resumos capturados, 93 (28,4%) se designavam como pesquisas qualitativas ou incorporaram referenciais das ciências sociais e humanas. A autora encontrou que a pesquisa qualitativa incorporou-se na área

da alimentação e nutrição em diferentes temas que ela classificou como objetos de pesquisa, a saber: Dimensões sociais, culturais, cognitivas e psicológicas da alimentação e nutrição, esse objeto se subdividiu nos estudos encontrados em representações sociais; práticas, conhecimentos e comportamentos alimentares; cultura e alimentação e nutrição; Educação/orientação nutricional subdivididos em gênese e constituição do campo; avaliação das intervenções educativas; análise das atuações dos profissionais; Análise e avaliação da política e dos programas de alimentação e nutrição: gênese e análise das políticas; avaliação dos programas de alimentação e nutrição; Profissão, formação de recursos humanos e campo da Nutrição; Estudos teórico-metodológicos: comensalidade e mudança dos comportamentos alimentares; análises conceituais, teórico-metodológicas e desenhos de pesquisas. Em conclusão aponta à necessidade de permanente capacitação dos pesquisadores na metodologia qualitativa, para maior influência na pesquisa acadêmica, apoio dos cursos de pós-graduação às pesquisas qualitativas e maior inter-relação entre as Ciências Sociais e Humanas e a Nutrição. Segundo a autora, a partir dos estudos qualitativos encontrados no campo da nutrição, foi positiva a compreensão da complexidade do fato alimentar em suas diferentes dimensões além das fisiológicas e materiais.

Bossi *et al.*(2011) em seu artigo resumem a natureza, os fundamentos e a utilidade do enfoque qualitativo em pesquisas no âmbito da alimentação e nutrição, esclarecendo como esses métodos têm sido ou podem ser usados para estudar os complexos problemas que se apresentam nesse campo. O estudo traz que: avaliar a ingestão alimentar de forma quantitativa é reduzir a complexidade desse ato apenas a ordem natural e biológica, e desconsiderar o contexto sociocultural e histórico. Por outro lado, situar o consumo alimentar como componente da práxis em Alimentação e Nutrição e assumir a avaliação desse consumo como ferramenta de promoção da alimentação saudável, implica levar em consideração outros domínios nos quais a dimensão biológica se amplia e se redefine com o aporte das Ciências Humanas e Sociais.

Bossi *et al.* (2011), descrevem ainda os aportes do enfoque qualitativo na investigação sobre o consumo alimentar, como por exemplo: abordagens qualitativas e suas técnicas (entrevistas em profundidade; observações livres

ou sistemáticas; grupos focais, fotovoice). Relatam que essas são mais adequadas para uma aproximação a objetos complexos, como o consumo alimentar, que se transformam ao longo da experiência e vão se constituindo de acordo com as percepções dos atores sociais, o repertório e as possibilidades de representação presentes no contexto das relações sociais. E no que diz respeito ao objeto de investigação, estudos com uma orientação qualitativa podem ter como objeto certos tipos de comportamento, ações ou práticas, mas o material será sempre aquele cuja expressão não se submete à linguagem numérica; ou seja, tal enfoque se aplica a perguntas (objetos) que demandam compreensão.

Fonseca *et al.* (2011), com o objetivo de discutir o conceito de modernidade alimentar a partir de formulações de autores contemporâneos, encontraram em sua revisão bibliográfica que o conceito de modernidade alimentar sintetiza e representa os impactos que a alimentação tem sofrido em função das transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas na sociedade contemporânea. E dentre as questões vivenciados pelos comensais na sociedade contemporânea está presente a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho e a feminização da sociedade. Esse fato interferiu no cotidiano de várias maneiras desde a adoção de algumas práticas culturalmente femininas pelos homens até a transformação dos hábitos alimentares, instigados pela publicidade, que agora tende a atender um público que decide e compra os alimentos e tem necessidade de praticidade, pelas dietas populares, e pela nova transmissão do saber e das habilidades culinárias, que tradicionalmente eram passados de mãe para filha e agora de avó para neta.

Além disso, outra questão apontada, pelo autor supracitado, é a ressignificação das identidades e sociedade gastro-anômica, se por um lado o comensal enfrenta uma situação de desconhecimento da origem e do conteúdo dos alimentos e das formas de preparo, por outro lado os alimentos recém lançados são atrativos, pela novidade e praticidade. Não obstante, a transformação do trabalho e a reordenação do tempo interferem a alimentação contemporânea uma vez que o gasto energético diminuiu em função das novas formas de trabalho e de equipamentos que facilitam o trabalho e a locomoção e pelas tecnologias empregadas na fabricação de alimentos em maior

quantidade e mais calóricos. Os autores concluem que a presença de crenças, valores e significados precisa ser considerada nos estudos sobre consumo alimentar. A compreensão do que representa a modernidade alimentar é um exemplo da contribuição que a sociologia e a antropologia podem oferecer para os estudos de nutrição.

Vasconcelos (2013) realizou um estudo com o objetivo de identificar e analisar as correntes filosóficas e metodológicas do conhecimento científico que embasaram as dissertações e teses com abordagens qualitativas e mistas produzidas nos programas de pós-graduação em Nutrição no Brasil no período de 2003 a 2012. Avaliou sete de 22 programas de pós-graduação vinculados à área de Nutrição, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pois apenas estes dispunham de páginas eletrônicas que disponibilizavam a relação das dissertações e teses. Os estudos foram separados em estudos quantitativos, estudos qualitativos e estudos mistos. Para classificar os estudos foram lidos e analisados os resumos e capítulos metodológicos, realizada a identificação do referencial bibliográfico utilizado, procurando-se identificar: O tipo de abordagem ou desenho; Os procedimentos e instrumentos do processo de coleta de dados; Os procedimentos de análise dos dados; Os referenciais teóricos principais e secundários. Foi observada a predominância de estudos qualitativos (92,5%), enquanto os estudos com abordagem qualitativa ficaram em torno de 7% e os estudos com metodologia mista com 1,9%.

Os estudos apresentados mostram a importância da pesquisa com abordagem qualitativa no campo da nutrição e ao mesmo tempo a escassez desse tipo de estudo na área. Há uma necessidade de ampliação de pesquisas que abordem a alimentação como ela é descrita por Calvo (1992) “um fato social total”.

No entanto, não foram encontradas na literatura brasileira publicações que avaliaram o consumo de FLV de forma qualitativa com crianças em idade escolar. Diante da ausência de artigos nas bases pesquisadas, que descrevem o consumo desses alimentos na literatura, o texto que se segue descreverá, de forma geral, artigos e capítulos de dois livros que abordam as influências no comportamento alimentar e trará os achados de estudos realizados em outros

países, que descreveram os determinantes do consumo de FLV a partir da abordagem qualitativa.

A alimentação constitui uma das atividades mais importantes para o ser humano (ROMANELLI, 2006; KÖSTER, 2009). Pode ser considerada como um ato social, culturalmente conformado, no qual cada indivíduo e/ou grupo social estabelece uma relação própria e subjetiva com o alimento/comida (RAMOS e STEIN, 2000). Essa relação dá-se desde o nascimento – com o aleitamento materno – e, no decorrer da vida, adquire significados diversos frente à forma como são ofertados, por exemplo (CARNEIRO, 2005; RAMOS e STEN, 2000; SAVAGE; FHISHER e BIRCH, 2007). Portanto, o comportamento alimentar assim como todos os processos ligados às práticas alimentares, estão associados a atributos socioculturais individuais e coletivos, relacionados ao comer e à comida (GARCÍA, 1997).

A família, primeiro grupo social da criança, tem um importante papel na construção dos hábitos alimentares: aquisição de gêneros alimentícios, comportamentos durante as refeições, reações aos alimentos e no compartilhamento de informações (ROSSI *et al.*, 2008). Esse ambiente familiar está envolto por diversas questões como as de ordem socioeconômica, pois para famílias de baixa renda os alimentos são classificados entre os que são comida, como arroz, feijão, carne (“alimentos fortes”) e os alimentos que servem para “tapear a fome” como as verduras, legumes, frutas, segundo eles esses alimentos “não encham barriga”. Isso não significa que elas desprezem o valor nutricional das frutas e vegetais e sim que esses não lhe conferem saciedade e sensação de plenitude como os alimentos ricos em gorduras de origem animal que têm digestibilidade mais lenta. Dessa forma o cardápio das famílias de baixa renda se torna monótono, não apenas pela falta de conhecimento sobre o valor nutricional dos alimentos e sim pela saciedade que os alimentos consumidos provocam (CANESQUI e GARCIA, 2005). Por outro lado a oferta do que não é fundamental para alimentação aos filhos, está relacionado à demonstração de carinho. Além disso, possibilita aos pais de baixa renda demonstrar aos demais que é capaz de oferecer ao seu filho algo além de suas necessidades básicas, mesmo que isso lhe custe restrições financeiras, como a não aquisição de outros bens de uso comum da família (ROMANELLI, 2006).

Wenrich *et al.* (2010) em estudo nos Estados Unidos da América com o objetivo de caracterizar o processo de seleção de vegetais entre as famílias, realizaram oito grupos de focais com 61 casais de baixa renda da zona rural na Pensilvânia. Esses casais relataram que tinham como critério para o preparo de vegetal aquele que era mais bem aceito pela família. Além disso, foi observado que experiências negativas de quem preparava o alimento influenciavam o consumo do restante da família impedindo a experimentação e a aprendizagem através da exposição aos vegetais.

No entanto, além da família outros fatores sociais (amigos, colegas) e institucionais (empresas, escola, indústria) passam a ter também um papel fundamental nesse item. O ambiente escolar, enquanto um local de trocas, observação e aprendizado, pode ter uma influência considerável na formação do comportamento alimentar das crianças (BIRCH e FISHER, 1998 FIORE *et al.*, 2012). Considerando outros aspectos desse contexto, a escola é o local de encontro de pares, onde a criança apreende novos modelos e, por conseguinte, torna-se susceptível à opinião e ao comportamento dos colegas (ALVES, 2002).

Permeando o ambiente familiar, escolar e as relações com os pares há o papel da mídia (imprensa e televisiva) na formação do comportamento alimentar infantil. Pesquisadores já demonstraram que a mídia interfere nas escolhas alimentares, na aquisição e disponibilidade dos alimentos nos domicílios (BORZEKOWSKI e ROBINSON, 2001; RODRIGUES e FIATES, 2012; MOTTA-GALLO; GALLO e CUENCA, 2013). Além disso, comer assistindo televisão interfere no consumo de FLV (menor consumo), conforme demonstraram COON *et al* (2001). Coon e Tucker (2002), em uma revisão, verificaram associação direta entre o tempo de assistir televisão e a maior ingestão de alimentos calóricos e de refrigerantes e a reduzida ingestão de frutas e vegetais. Estes últimos pouco divulgados em comerciais.

O conhecimento sobre os alimentos, a nutrição e o seu valor cultural estão relacionados, em maior ou menor grau, ao comportamento alimentar, quando as tradições, crenças, tabus, mitos, abusos e propagandas são acessados, impostos e apreendidos ou rejeitados ao longo da vida (MOTTA e BOOG, 1991). Crianças que discutem frequentemente sobre a alimentação e nutrição com as mães, quando estimuladas a provar ou experimentar um novo alimento

e a participar na decisão da escolha da refeição, apresentam maior interesse e aceitação por novos alimentos, como frutas e vegetais (GILLESPIE e ACHTERBERG, 1989; TAYLOR; GALLAGHER e MCCULLOUGH, 2004). Ainda o gosto do alimento e as preferências são importantes para um maior consumo de FLV entre crianças (ZEINSTRA *et al.*, 2007).

O'Dea (2003) trabalhou com crianças e adolescentes australianos (7-17 anos), através de grupos focais e entrevistas semi-estruturadas, analisando os benefícios e as barreiras de uma alimentação saudável. Para eles as vantagens de uma alimentação saudável mais citadas se resumiam: aos benefícios psicológicos (aumento da autoestima) e a melhora no desempenho físico. As barreiras mais citadas foram: acesso facilitado a alimentos não saudáveis; maior disponibilidade no lar; pressão dos pares; descontrole emocional e ansiedade; preferência por alimentos pouco saudáveis. Como estratégias para lidar com as barreiras, as crianças sugeriram receber o apoio dos pais para o planejamento do lanche escolar (levar comida saudável e não dinheiro), serem lembradas dos inconvenientes da comida não saudável e receber maior informação sobre alimentos saudáveis, assim como ter mais publicidade sobre esse tipo de alimento.

Fitzgerald *et al.* (2010) em estudo realizado com meninos e meninas entre 9 e 18 anos, de escolas primárias e secundárias da Irlanda, através de grupos focais e entrevistas semi-estruturadas, objetivaram conhecer os hábitos alimentares, os gostos e desgostos, as crenças sobre saúde e nutrição, os padrões de refeições, os pontos de vista sobre o ambiente de alimentos em casa, e o papel dos pares e escola. Encontraram que as preferências alimentares foram uma grande influência sobre as escolhas alimentares estudadas, pois sabor, textura e aparência dos alimentos foram três fatores que pareciam ser cruciais na tomada de decisões sobre o alimento. Por exemplo, o relato de um menino de nove anos: Eu amo couve-flor ao molho porque é tudo mole e eu amo tudo derretido na manteiga. Além disso, observaram que as crianças e adolescentes referiam que alimentos como *fastfood* não eram saudáveis ao mesmo tempo em que preferiam consumi-los, por outro lado associavam FLV como saudáveis e discutiam que as consequências a curto prazo do consumo desses alimentos eram "*bom para a energia*", "*força*", "*ficar magro*", "*isso é bom para sua pele*" e "*ajuda você a se mover mais rápido*".

He *et al.* (2011) analisaram as percepções e sugestões dos alunos sobre um programa de incentivo ao consumo de frutas e legumes, implementado em escolas de ensino fundamental em duas regiões do norte de Ontário, Canadá. Para tanto o estudo envolveu 18 grupos focais com os alunos em 11 escolas de ensino fundamental na região de Porcupine e sete escolas na região de Algoma. Participaram 139 alunos de quinta a oitava série. A partir dos debates nos grupos, as crianças relataram que o programa avaliado lhes permitiu experimentar FLV que ainda não conheciam. Relataram também que passaram a comer mais esses alimentos em casa e na escola.

Kaye *et al.* (2011) realizaram um estudo nos Estados Unidos com o objetivo de identificar os motivadores e barreiras para comportamentos alimentares saudáveis entre filhos de famílias de baixa renda de diferentes etnias. Para isso, realizaram seis grupos focais com 37 crianças com idade entre 9 e 12 anos e de famílias com renda familiar anual de 40.000 dólares ou menos. Várias estratégias foram utilizadas para empregar uma abordagem culturalmente sensível para a coleta de dados e análise. Os motivadores e barreiras para comportamentos alimentares saudáveis mais comumente relatados em todos os seis grupos focais foram a influência social, o gosto, as questões de disponibilidade, as preocupações com o peso, e o desejo de ser saudável.

Krølner *et al.* (2011) realizaram um estudo de revisão de literatura sobre os estudos qualitativos que avaliaram os determinantes do consumo de frutas e vegetais entre crianças e adolescentes. Foram incluídos 31 estudos, baseados principalmente em populações norte-americanas e discussões em grupo. O estudo identificou os seguintes potenciais determinantes de consumo de FLV: custos de tempo, a falta de garantia de sabor, valor da saciedade; tempo/ ocasiões para o consumo de FLV; aspectos sensoriais e físicos; variedade, visibilidade, métodos de preparação, o acesso a uma alimentação saudável, o valor simbólico dos alimentos para a imagem, identidade de gênero e interação social com os pares e expectativas de resultados de curto prazo.

Desde cedo o ato de comer está relacionado ao afeto e a emoção, pois, este é estabelecido por “adultos afetivamente poderosos”, como os pais (MINTZ, 2001). Devido a isso, experiências positivas durante as refeições podem induzir a preferência da criança por determinado tipo de alimento, assim

como um desprazer - impor a ingestão de um alimento indesejado e compensá-lo com outro do agrado - poderá se perpetuar como uma barreira alimentar. Esta tática tende a reduzir o gosto da criança a alimentos conhecidos, mas também poderá reforçar a preferência por recompensas não saudáveis. Portanto, se a curto prazo as crianças comem mais vegetais, a longo prazo as tentativas de suborno podem representar má qualidade das dietas, reduzindo a preferência pelos vegetais (BIRCH, 1999; TAYLOR, GALLAGHER e MCCULLOUGH, 2004). Em geral, as crianças escolhem os alimentos que lhes são servidos frequentemente e tendem a preferir os alimentos que estão disponíveis em casa (BIRCH, 1999).

4. Justificativa

É sabido que o consumo de FLV entre os escolares está aquém das recomendações para a faixa etária. Sabe-se também que esse comportamento alimentar está atrelado a componentes afetivos, cognitivos, situacionais, sociais e culturais.

Existem vários estudos que quantificam os diversos fatores que influenciam a redução do consumo desses alimentos, no entanto não se conhece quais os motivos que levam as crianças a consumirem ou não as frutas e vegetais a partir da percepção delas. Crianças são capazes de dar sentidos e significados às suas decisões. Na literatura nacional não foram encontradas publicações resultantes de estudos que levem em consideração esse aspecto.

Essa pesquisa, portanto, poderá contribuir demonstrando as razões apontadas pelas crianças e percepções e/ou representações sobre as FLV. Fazendo uso da abordagem qualitativa em pesquisa, será possível identificar fatores ainda desconhecidos sobre o consumo desses alimentos. Esse conhecimento possibilitará intervenções em saúde mais específicas e ajustadas a essa população, tornando-as possivelmente mais efetivas.

5. Objetivos

5.1 Geral

Avaliar valores socioculturais associados às FLV entre crianças (6-7 anos), em Pelotas, Rio Grande do Sul (RS).

5.2 Específicos

- Avaliar o consumo de FLV, seus determinantes e os motivos para o não consumo desses alimentos entre as crianças.
- Investigar quais os aspectos socioculturais, situacionais e individuais/familiares atrelados às FLV na perspectiva das crianças.

6. Materiais e Métodos

Poucos trabalhos antropológicos na área da saúde têm como sujeitos de pesquisa ou informantes exclusivos as crianças (HIRSCHFELD, 2002). Todavia, elas possuem uma notável capacidade de apreender, reproduzir e comunicar os significados culturais de suas escolhas, ideias e comportamentos (ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010).

Realizar estudos com crianças, usando como base o referencial teórico-metodológico da Antropologia, tem complexidades próprias à forma como os pesquisadores adultos têm interagido e (re)interpretado os universos analisados – a maioria excluindo crianças como “a fonte” de informação/visão de mundo. Mais recentemente, tem-se discutido na Antropologia a necessidade de entendimento e valorização do que as crianças transmitem aos pesquisadores em seu contexto e sobre ele. Essa discussão tem possibilitado que as crianças sejam uma categoria central na condução das indagações e análises, e que sejam compreendidas no seu universo (autônomo) infantil (CONH, 2005; ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010).

Estudiosos dessa área afirmam que trabalhar com crianças não exige técnicas diferenciadas daquelas utilizadas para o estudo com adultos, mas há de se valer de materiais que não são comumente utilizados em pesquisas tradicionais (PIRES, 2007). Desenhos, filmagens e fotografias, entre outras possibilidades lúdicas e/ou projetivas, são usadas com crianças para que a comunicação, empatia e compreensão entre os desejos de compreensão do pesquisador e as respostas e indagações das crianças contemplem os objetivos dos estudos.

Baseado nessas concepções, este trabalho pretende utilizar a abordagem qualitativa para obter uma aproximação investigativa com crianças entre seis e sete anos de idade. Para que o estudo se desenvolva, um conjunto de técnicas será utilizado. Serão realizadas conversas informais, conversas dirigidas, discussões em grupo com uso de imagens e produção de desenhos, e observação do ambiente e das interações entre elas.

O trabalho será realizado em três escolas da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (RS). Entre as 53 escolas (40 municipais, 36 estaduais e 13 particulares), serão escolhidas duas escolas públicas (uma municipal e uma

estadual) e uma escola privada. A determinação dessas instituições ocorrerá de forma aleatória, por meio de sorteio. Contemplar dois universos socioeconômicos poderá trazer informações relevantes e distintas para as camadas sociais. As diferenças entre as escolas podem desvelar os motivos, além dos situacionais como o nível socioeconômico, que estão ligados ao consumo menor de FLV entre as crianças matriculadas em escolas públicas se esses diferem das crianças de escolas particulares.

Participarão da pesquisa as crianças matriculadas no(s) primeiro(s) ano(s) do ensino fundamental que não apresentarem doenças que impliquem restrições alimentares e ou dietoterapia específica. Tal informação será obtida a partir de um instrumento com perguntas fechadas (APÊNDICE I). O questionário também incluirá três questões do Formulário de Marcadores de Consumo Alimentar utilizado pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (BRASIL, 2008), proposto pelo Ministério da Saúde (ANEXO I), e através do qual serão obtidas informações de frequência de consumo FLV das crianças na última semana. Anexo, constarão a solicitação de autorização de participação do(a) filho(a) no estudo (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE II) e o Termo de Autorização do Uso da Imagem (APÊNDICE II). Esses documentos serão enviados aos pais das crianças elegíveis para o estudo (com idades de seis e sete anos) matriculados nos primeiros anos das escolas sorteadas. Essas crianças comporão dois grupos mistos (meninos e meninas), um em cada escola e que serão abordados em dias distintos.

Realizar-se-ão, ao menos, três tipos de atividades com os grupos de crianças e nas escolas sorteadas (local mais adequado, sem interferência de outros alunos), essas atividades serão conduzidas e supervisionadas pela pesquisadora, professoras orientadoras e um auxiliar de pesquisa, e seguirão um roteiro para coleta de dados (APÊNDICE IV) que auxiliará no alcance dos objetivos. Segue abaixo a descrição das atividades na ordem prevista para o desenvolvimento do estudo.

Inicialmente, após apresentação da ideia do trabalho às crianças, será solicitado que desenhem os alimentos que mais gostam e os que menos gostam de comer. A partir dos desenhos uma proposta de conversação será iniciada, onde as crianças serão questionadas sobre as suas escolhas alimentares, bem como sobre a presença ou ausência de dados FLV nas suas

reproduções. As interpretações dos desenhos serão feitas pelas crianças e anotadas pela pesquisadora. Espera-se que com estímulos de perguntas e falas sobre as figuras, as crianças possam salientar algumas das suas representações sociais sobre os dois alvos principais deste estudo: FLV. Todos os desenhos serão entregues pelas crianças aos pesquisadores como materiais de pesquisa. Com esses dados, nova etapa será iniciada.

Em um segundo momento, e em novo dia, as mesmas crianças serão convidadas a seguir interagindo, desta vez com imagens (fotos) de alimentos trazidos pela pesquisadora para emitirem suas opiniões sobre o consumo ou a aversão às FLV. Além disso, será solicitado que façam escolhas de alimentos (fotografados) para comporem um prato que reflita o que mais consomem em uma semana habitual, como por exemplo: arroz, feijão, massa, carne, alface e cenoura. Nesta etapa, elas também deverão fotografar seus pratos prontos. Para que os pratos sejam compostos, fotos que representem os alimentos cozidos (como costumam ver em suas casas) e, que são mais comuns na dieta de crianças e na região, serão disponibilizadas a todos em uma mesa. Cada criança poderá escolher como compor seu prato. Com as montagens de um almoço ou jantar e/ou lanche (onde geralmente as frutas são consumidas) nova indagação será realizada, objetivando a discussão de suas preferências ou representações do domicílio. Os pratos novamente serão fotografados pela pesquisadora e as crianças. Após essa primeira montagem, será averiguada a presença dos alimentos alvo deste estudo e será solicitada uma justificativa para sua escolha ou exclusão. Para as crianças que não escolheram as frutas e/ou vegetais na sua montagem de um prato ou lanche, será solicitado que escolham entre as fotos disponíveis, que apontem qual verdura ou fruta poderia completar o seu cardápio e que lhe seja palatável. Após este exercício, as crianças serão estimuladas a falar sobre as FLV que não foram escolhidos pela maioria dos presentes e a mencionarem as razões para essa exclusão. Do mesmo modo, os alimentos mais frequentemente escolhidos deverão também ser investigados (motivos relacionados à escolha).

Por fim, em um terceiro encontro, ocorrerá a devolução às crianças. A pesquisadora conversará com as crianças para, se necessário, ainda sanar algumas dúvidas dos depoimentos e representações gráficas e pictóricas anteriores e mostrará para o grupo quais foram os alimentos mais

mencionados como sendo os mais consumidos por eles. Diante disso, serão salientados alguns aspectos da importância do consumo diversificado de frutas legumes e verduras para a saúde.

A coleta dos dados deverá ocorrer no início do período letivo, pois nesse momento as crianças estarão conhecendo seu ambiente escolar, sofrendo pouca influência deste, com isso será possível observar as suas percepções sobre FVL sob o contexto familiar e social. Os encontros deverão ter duração de 40 minutos e serão gravados. Uma filmadora será utilizada para avaliar possíveis interações e comunicações não captadas pela pesquisadora durante as dinâmicas em grupo, e as produções serão fotografadas. Além dos momentos de coleta a pesquisadora estará presente em outros períodos para a observação do ambiente. Será observado o que a escola oferece de lanche tanto na merenda escolar, no caso das escolas públicas, quanto o que é vendido no bar da escola, além disso, será observado o que as crianças costumam levar nas lancheiras para averiguar se as FLV estão presentes em sua alimentação no ambiente escolar.

Os dados verbalizados nos encontros com as crianças serão transcritos de forma integral pela pesquisadora e submetidos à análise de conteúdo sobre as ideias e representações sociais mencionadas. O conteúdo será agrupado às imagens e observações anotadas compondo os resultados finais. Quanto ao material enviado aos pais, será realizada a descrição da frequência do consumo de frutas e vegetais, com entrada no programa EpiData® versão 3.1 (EpiDataAssociation, Denmark), gerando um banco de dados a ser exportado, para análises quantitativas, ao programa estatístico Stata® 12.0.

7. Aspectos Éticos

Os aspectos éticos serão respeitados, sendo para tanto entregue aos pais ou responsáveis de cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE II), o Termo de Autorização do Uso da Imagem (APÊNDICE III). Além da assinatura do Termo de Assentimento (APÊNDICE IV).

Os registros fotográficos, preservando a identidade da criança quando a imagem não for autorizada, serão utilizados somente pela equipe de pesquisa para análise dos dados e redação dos resultados.

Os resultados serão apresentados à comunidade escolar e utilizados para o planejamento e execução das atividades de educação nutricional. Artigo científico será produzido e encaminhado para publicação em periódico nacional indexado.

O estudo foi autorizado pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto e será submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. A direção das escolas consentirá com a realização da pesquisa através da assinatura da autorização (APÊNDICE VI).

8. Orçamento

Os custos para realização da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

| Item | Qtde | Unid. | Descrição do objeto / serviço | Valor unit. | Valor total |
|------|------|---------|---|--------------|-------------------|
| 1. | 5 | Pacotes | Papel ofício A4 - pacote com 500 folhas | R\$ 13,13 | R\$ 65,65 |
| 2. | 10 | Unid. | Pasta de plástico com elástico | R\$ 1,77 | R\$ 17,70 |
| 3. | 10 | Unid. | Caneta esferográfica azul | R\$ 0,88 | R\$ 8,80 |
| 4. | 10 | Unid. | Lápis preto | R\$ 0,28 | R\$ 2,80 |
| 5. | 2 | Caixa | Lápis de cor- caixa com 24 unid. | R\$ 34,90 | R\$ 69,80 |
| 6. | 3 | Unid. | Borracha branca | R\$ 0,32 | R\$ 0,96 |
| 7. | 1 | Unid. | Apontador de plástico | R\$ 0,50 | R\$ 0,50 |
| 8. | 3 | Caixas | Clips galvanizado 1/0 - caixa com 100 unidades | R\$ 1,70 | R\$ 5,10 |
| 9. | 1 | Unid. | Grampeador tamanho médio | R\$ 7,37 | R\$ 7,37 |
| 10. | 2 | Caixas | Grampos 26/6 - caixa com 1000 unidades | R\$ 3,18 | R\$ 6,36 |
| 11. | 3 | Unid. | Prancheta Eucatex | R\$ 2,50 | R\$ 7,50 |
| 12. | 100 | Unid. | Impressões coloridas e plastificadas | | |
| 13. | 1 | Unid. | Toner para impressora 580 Brother | R\$ 47,00 | R\$ 47,00 |
| 14. | 1 | Unid. | Câmera Digital Sony Cyber-shot DSC-W690 16.1 Megapixels | R\$ 411,72 | R\$ 411,72 |
| 15. | 1 | Unid. | Mini Gravador Digital Sony PX312 | R\$ 161,83 | R\$ 161,83 |
| | | | | TOTAL | R\$ 812,09 |

9. Cronograma

O desenvolvimento do projeto será conforme o seguinte cronograma:

| Fases | 2013 | | | | | | | | | | | 2014 | | | | | | | | | | | |
|-------|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|--|
| | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D | |
| I | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| II | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| III | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| IV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| V | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| VI | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| VII | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

As respectivas fases correspondentes ao curso deste projeto são:

I - Revisão de literatura

II- Qualificação do projeto

III- Submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa

IV - Realização do trabalho de campo

V - Processamento e análise dos dados

VI - Redação do artigo e dissertação

VII- Defesa da dissertação e divulgação dos resultados

10. Referências

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**. v. 35, n. 1, p. 39-52, 2010.

ALVES, C.T. Comportamento do Consumidor: Análise do Comportamento do Consumo da Criança. Escolar Editora 313p.

ASSAO, T. Y.; MANCUSO, A. M. C. Alimentação saudável: percepções dos educadores de instituições infantis. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. v. 18, n. 2, p. 126-134, 2008.

ASSIS, M. A. A.; CALVO, M. C. M.; KUPEK, E.; VASCONCELOS, F. A. G.; CAMPOS, V. C.; MACHADO, M.; COSTA, F. F.; ANDRADE, D. F. Qualitative analysis of the diet of a probabilistic sample of schoolchildren from Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil, using the *Previous Day Food Questionnaire*. **Cadernos de Saúde Pública**. n. 26, v. 7, p.1355-1365, 2010.

ATERO, R. G.; JACOBO, M. P.; SALINAS, M. Q. Conocimientos, actitudes y percepciones de madres sobre la alimentación de niños menores de 3 años en una comunidad de Lima. **An Fac med**. n. 71, v. 3, p. 179-183, 2010.

NEHRING, I.; BOLTE, G.; KRIES, Fruit and vegetable consumption and BMI change in primary school-age children: a cohort study. **Journal of Clinical Nutrition**. n. 68, v. 2, p. 1-6 , 2013.

BEBER, C. A. M.; MENASCHE, R. Turismo rural e alimentação, identidade e patrimônio: um olhar sobre os Campos de Cima da Serra em tempos de nostalgia. **Revista de Economia Agrícola**. v. 58, n. 1, p. 87-99, 2011.

BIRCH, L. L. Development of food preferences. **Revista de Nutrição**. v.19, p. 41-62, 1999.

BLEIL, S. I. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Cadernos de Debate**. v. VI, p. 1-25, 1998.

BORZEKOWSKI, D. L.; ROBINSON, T. N. The 30-second effect: An experiment revealing the impact of television commercials on food preferences of preschoolers. **Journal of the americana Dietetic Association**. n. 101, v. 1, p. 42-46, 2001.

BOSI, M. L. M.; PRADO, S. D.; LINDSAY, A. C.; MACHADO, M. M. T.; CARVALHO, M. C. V. S. O enfoque qualitativo na avaliação do consumo alimentar: fundamentos, aplicações e considerações operacionais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. v. 21, n. 4, p. 1287-1296, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Guia alimentar para a população brasileira; promovendo alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/05_1109_M.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Protocolos do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN na assistência à saúde. Brasília : Ministério da Saúde, 2008.
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_sistema_vigilancia_alimnetar.pdf

CALVO, E. Sciences sociales, alimentation et développement : images, métaphores et apories. **Tiers-Monde**. v. 33, n. 132, p. 727-742, 1992.

CANESQUI, A. M. Antropologia e alimentação. **Revista de Saúde Pública**. n. 22, v. 3, p. 207-216, 1988

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

CANESQUI, A. M. pesquisa qualitativa em nutrição e alimentação. **Revista de Nutrição**. v. 22, n. 1, p. 125-139, 2009.

CARNEIRO, H. S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**. n. 42, p. 71-80, 2005.

GOLDENBERG, M. "A comida como objeto de pesquisa": uma entrevista com Claude Fischler. **Psicologia Clínica**. v.23, n.1, p. 223-242, 2011.

COON, K. A.; GOLDBERG, J.; ROGERS, B. L.; TUCKER, K. L. Relationships between use of television during meals and children's food consumption patterns. **Pediatrics**. v.107, n. 1, p. 1-11, 2001.

COON, K. A.; TUCKER, K. L. Television and children's consumption patterns. A review of the literature. **Pediatrics**. v. 54, n. 5, p. 423-436, 2002.

CONCEIÇÃO, S. I. O.; SANTOS, C. J. N.; SILVA, A. A. M.; SILVA, J. S.; OLIVEIRA, T. C. Consumo alimentar de escolares das redes pública e privada de ensino em São Luís, Maranhão. **Revista de Nutrição**. n. 23, v. 6, p. 993-1004, 2010.

COSTA, F. F.; ASSIS, M. A. A. Perfil de atividade física e consumo alimentar autorrelatado de escolares de 7 a 10 anos da rede pública e privada. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v.14, n. 5, p.497-506, 2012.

COSTA, L. C. F.; VASCONCELOS, F. A. G.; CORSO, A. C. T. Fatores associados ao consumo adequado de frutas e hortaliças em escolares de Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. n. 28, v. 6, p.1133-1142, 2012.

COSTA, T. F.; PONTES, T. E.; MARUM, A. B. R. F.; BRASIL, A. L. D.; TADDEI, J. A. A. C. Transição Nutricional e Desenvolvimento de Hábito de Consumo

Alimentar na Infância. In: DUTRA-DE-OLIVEIRA J. E. e MARCHINI J. S. Ciências nutricionais. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 2008.

CULLEN, K. W.; BARANOWSKI, T.; OWENS, E.; MARSH, T.; RITTENBERRY, L.; MOOR, C. Availability, accessibility, and preferences for fruit, 100% fruit juice, and vegetables influence children's dietary behaviour. **Health Education & Behavior**. v. 30, n. 5, p. 615-26, 2003.

CUNHA, E.; SOUSA, A. A.; MACHADO, N. M. V. A alimentação orgânica e as ações educativas na escola: diagnóstico para a educação em saúde e nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 15, n. 1, p. 39-49, 2010.

D'INNOCENZO, S.; MARCHIONI, D. M. L.; PRADO, M. S.; MATOS, S. M. A.; PEREIRA, S. R. S.; BARROS, A. P.; SAMPAIO, L. R.; ASSIS, A. M. O.; RODRIGUES, L. C.; BARRETO, M. L. Condições socioeconômicas e padrões alimentares de crianças de 4 a 11 anos: estudo SCAALA –Salvador/Bahia. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 11, n. 1, p. 41-49, 2011.

FAGUNDES, A. L. N.; RIBEIRO, D. C.; NASPITZ, L.; GARBELINI, L. E. B.; VIEIRA, J. K. P.; SILVA, A. P.; LIMA, V. O.; FAGUNDES, D. J.; COMPRI, P. C.; JULIANO, Y. Prevalência de sobrepeso e obesidade em escolares da região de Parelheiros do município de São Paulo. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 3, n. 26, p. 212-217, 2008.

IORE, E. G.; JOBSTRAIBIZER, G. A.; SILVA, C. S.; CERVATO-MANCUSO, A. M. Abordagem dos temas alimentação e nutrição no material didático do ensino fundamental: interface com segurança alimentar e nutricional e parâmetros curriculares nacionais. **Saúde e Sociedade**. v. 21, n. 4, p. 1063-1074, 2012.

FITZGERALD, AMANDA.; HEARY, C.; NIXON, E.; KELLY, C. Factors influencing the food choices of Irish children and adolescents: a qualitative investigation. **Health Promotion International**. v. 25, n. 3, p. 289-298, 2010.

FONSECA, A. B.; SOUZA, T. S. N.; FROZI, D. S.; PEREIRA, R. A. Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições sócio-antropológicas. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 16, n. 9, p. 3853-3862, 2011.

GARCIA, R. W. D. Representações sociais da alimentação e saúde e suas repercussões no comportamento alimentar. **Revista de Saúde Coletiva**. v. 7, n. 2, p. 51-68, 1997.

GATES, A.; RHONA, M. H.; GATES, M.; SKINNER, K.; MARTIN, I. D.; TSUJI, L. D J. S. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 9, n. 4, p. 1379–1397, 2012.

GILLESPIE, A. H.; ACHTERBERG, C.L. Comparision of family interaction patterns related to food and nutrition. **Journal of the americana Dietetic Association**. v. 89, n. 4, p. 509-512, 1989.

GLEN, K. E.; THOMAS, H. M.; LOEBACH, J. E.; GILLILAND, J. A.; GOBERT, C. P. Fruit and vegetable consumption among children in a socioeconomically disadvantaged neighbourhood. **Canadian Journal of Dietetic Practice and Research**. v. 74, n. 3, p.114-118, 2013.

GUO, S. S.; WEI, W.; CHUMLEA, W. C.; ROCHE, A. F. Predicting overweight and obesity in adulthood from body mass index values in childhood and adolescence. **The American Journal of Clinical Nutrition**, v.76, n.3, p.653-8, 2002.

GRILLO, L. P.; KLITZKE, C. A.; CAMPOS, I. C.; MEZADRI, T. Riscos nutricionais de escolares pertencentes a famílias de baixa renda do litoral catarinense. **Texto e Contexto de Enfermagem**. v.14, n. Especial, p.17-23, 2005.

HE M.; BEYNON, C. E.; GRITKE, J. L.; HENDERSON, M. L.; KURTZ, J. M.; SANGSTER B. M.; ST ONGE, R. L.; VAN ZANDVOORT, M. M.; CHEVRIER-LAMOUREUX, R. D.; WARREN, C. Y. Children's perceptions of the Northern Fruit and Vegetable Program in Ontario, Canada. **Journal of Nutrition Education and Behavior**. v. 44, n. 6, p. 592-596, 2012.

HINNIG, P. F.; BERGAMASCHI, D. P. Itens alimentares no consumo alimentar de crianças de 7 a 10 anos. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v.15, n. 2, p. 324-334, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008/2009: aquisição alimentar domiciliar *per capita*, Brasil e grandes Regiões. Brasília: IBGE; 2010a.
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_aquisicao/

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008/2009: Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil. Brasília: IBGE; 2010b.
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/pofanalise_2008_2009.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009. Brasília: IBGE; 2009.
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Brasília: IBGE; 2012.
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf

KAYE, L. B.; TUCKER, C. M.; BRAGG, M. A.; ESTAMPADOR, A. C. Low-income children's reported motivators of and barriers to healthy eating behaviors: a focus group study. **Journal of the National Medical Association**. v. 103, n. 9-10, p. 941-951, 2011.

- KÖSTER, E. Diversity in the determinants of food choice: A psychological perspective. **Food Quality and Preference**. v. 20, n. 2 p. 70-82, 2009.
- SYGIT, K.; SYGIT, M.; KARWAT, I.D.; KOŁŁATAJ, B. Eating habits of children and adolescents from rural regions depending on gender, education, and economic status of parents. **Annals of Agricultural and Environmental Medicine**. v. 18, n. 2, p. 393-397, 2011.
- KRØLNER, R.; RASMUSSEN, M.; BRUG, J.; KLEPP, K. I.; WIND, M.; DUE, P. Determinants of fruit and vegetable consumption among children and adolescents: a review of the literature. Part II: qualitative studies. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**. v. 8, n.112, p. 1-38, 2011.
- LUNARDI, C.C.; MOREIRA, C. M.; SANTOS, D.L. Colesterolemia, trigliceridemia e excesso de peso em escolares de Santa Maria, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v. 16, n.4, p. 250-253, 2010.
- MADRUGA, S. W.; ARAÚJO, C. L. P.; BERTOLDI, A. D.; NEUTZLING, M. B. Manutenção dos padrões alimentares da infância à adolescência. **Revista de Saúde Pública**. v. 46, n. 2, p. 376-86, 2012.
- MAK, T. N.; PRYNNE, C. J.; COLE, D.; FITT, E.; BATES, B.; STEPHEN, A. *Patterns of sociodemographic and food practice characteristics in relation to fruit and vegetable consumption in children: results from the UK National Diet and Nutrition Survey Rolling Programme (2008–2010)*. **Public Health Nutrition**. v. 16, n. 11, p. 1912-1923, 2013.
- MARTINELLI, A. R.; PURGA, M. O.; MANTOVANI, A. M.; CAMARGO, M. R.; ROSELL, A. A.; FREGONESI, C. E. P. T.; FREITAS JÚNIOR, I. F. Análise do alinhamento dos membros inferiores em crianças com excesso de peso. **Revista brasileira de cineantropometria & desempenho humano**. v.13, n. 2, p.124-130, 2011.
- MATUK, T. T.; STANCARI, P. C. S.; BUENO, M. B.; ZACCARELLI, E. M. Composição de lancheiras de alunos de escolas particulares de São Paulo. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 29, n.2, p. 157-163, 2011.
- MCGOWAN, L.; COOKE, L. J.; GARDNER, B.; BEEKEN, R. J.; CROKER, H.; WARDLE, J. Healthy feeding habits: efficacy results from a cluster-randomized, controlled exploratory trial of a novel, habit-based intervention with parents. v. 98, n. 3, p. 769-77, 2013.
- MELLO, E. D.; LUFT, V. C.; MEYER, F. Atendimento ambulatorial individualizado versus programa de educação em grupo: qual oferece mais mudança de hábitos alimentares e de atividade física em crianças obesas? **Jornal de Pediatria**. v. 80, n.6, p. 468-474, 2004.
- MELO, V. L. C.; SERRA, P. J.; CUNHA, C. F. Obesidade infantil – impactos psicossociais. **Revista Medica de Minas Gerais**. v. 20, n. 3, p. 367-370, 2010.

MENDES, P. D.; MACIEL, M. S.; PINTO, L. F. S.; SOUZA, D. O.; CONTI, L. S.; MELLO, B. V. B. B.; PATROCÍNO, N. P.; CONTI, T. F.; WAKSMAN, M. G. M.; NEVES, M. L. F. B.; FIGUEIRÊDO, L. G. La obesidad infanto-juvenil y su impacto desde la infancia hasta la vida adulta: una revisión de la literatura científica en el de período 1997-2007. **Pediatría**. v. 31, n. 4, p. 260-273, 2009.

MIKKILÄ, V.; RÄSÄNEN, L.; RAITAKARI, O.T; PIETINEN, P.; VIIKARI, J. Longitudinal changes in diet from childhood into adulthood with respect to risk of cardiovascular diseases: The Cardiovascular Risk in Young Finns Study. **European Journal of Clinical Nutrition**. v. 58, n. 7, p. 1038-45, 2004.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MINTZ, S. W. Comida e Antropologia Uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 16, n. 47, p. 31-47, 2001.

MOLINA, M.; BISI, C.; LOPÉZ, P. M.; FARIA, C. P.; CADE, N. V.; ZANDONADE, E. Preditores socioeconômicos da qualidade da alimentação de crianças. **Revista de Saúde Pública**. n. 44, v. 5, p.785-792, 2010.

MONDINI, L.; LEVY, R. B.; DIAS, S. R. M. S.; VENÂNCIO, S. I.; AGUIAR, J. A.; J. A.; STEFANINI, M. L. R. Prevalência de sobrepeso e fatores associados em crianças ingressantes no ensino fundamental em um município da região metropolitana de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. n. 23, v. 8, p. 1825-1834, 2007.

MONTEIRO, V.; MATIOLI, G. Implication of anthropometric profile and alimentary consumption on risk for diseases among school children in the 1st to 4th grades. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**. v. 46 n. 3, p. 445-554, 2010.

MORIN, P.; TURCOTTE, S.; PERREAULT, G. Relationship between eating behaviors and physical activity among primary and secondary school students: results of a cross-sectional study. **Journal of School Health**. v. 83, n. 9, p. 597-604, 2013.

MOTTA, D. G.; BOOG, M. C. F. Educação nutricional. 3. ed. São Paulo: Ibrasa, 1991.

MOTTA-GALLO, S.; GALLO, P.; CUENCA, A. Influência da televisão nos hábitos alimentares de crianças do nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. v. 23, n. 1, p.87-93. 2013.

O'DEA, J. A. Why do kids eat healthful food? Perceived benefits of and barriers to healthful eating and physical activity among children and adolescents. **Journal of the americana Dietetic Association**. v. 103, n. 4, p. 497-501, 2003.

OLIVARES, S. C.; ZACARÍAS, I. H.; LERA, L. M.; LEYTON, B. D.; DURÁN, R. C.; VIO, F. R. Estado nutricional y consumo de alimentos seleccionados en escolares de la región metropolitana: línea base para un proyecto de promoción del consumo de pescado. **Revista Chilena de Nutrición**. v. 32, n. 2, 2005.

PONTES, T. E.; COSTA, T. F.; MARUM, A. B. R. F.; BRASIL, A. L. D.; TADDEI, J. A. A. C. Orientação nutricional de crianças e adolescentes e os novos padrões de consumo: propagandas, embalagens e rótulos. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 27, n. 1, p. 99-105, 2009.

PERIKKOU, A.; GAVRIELI, A.; KOUGIOUFA, M. M.; TZIRKALI, M.; YANNAKOULIA, M. J. A novel approach for increasing fruit consumption in children. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**. v. 113, n. 9, p. 1188-93, 2013.

POETA, L. S.; DUARTE, M. F. S.; GIULIANO, I. C. B. Qualidade de vida relacionada à saúde de crianças obesas. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v. 56, n. 2, p. 168-172, 2010.

RANI, M. A.; SATHIYASEKARAN, B.W. Behavioural determinants for obesity: a cross-sectional study among Urban Adolescents in India. v. 46, n. 4, p.192-200, 2013.

RAMOS, M.; STEIN, L. M. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de Pediatria**. v. 76, n. 3, p. 229-237, 2000.

RODRIGUES, V. M.; FIATES, G. M. Hábitos alimentares e comportamento de consumo infantil: influência da renda familiar e do hábito de assistir à televisão. **Revista de Nutrição**. v. 25, n. 3, p. 353-362. 2012.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: Uma visão antropológica. **Revista de Medicina**. v. 39, n. 3, p. 333-339, 2006.

ROMANI, S. A. M.; LIRA, P. I. Fatores determinantes do crescimento infantil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 4, n. 1, p. 15-23, 2004.

ROSSI, A.; MOREIRA, E. A. M.; RAUEN, M. S. Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. **Revista de Nutrição**. v. 21, n. 6, p. 739-748. 2008.

ROSSI, C. E.; ALBERNAZ, D. O.; VASCONCELOS, F. A. G.; ASSIS, M. A. A.; PIETRO, P. F. Influência da televisão no consumo alimentar e na obesidade em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista de Nutrição**. v. 23, n. 4, p. 607-620, 2010.

ROTENBERG, S.; VARGAS, S. Práticas alimentares e o cuidado de saúde: da alimentação da criança a alimentação da família. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 4, n. 1, p. 85-94, 2004.

SAVAGE, J. S.; FISHER, J. O.; BIRCH, L. L. Parental influence on eating behavior conception to adolescence. **Journal of Law, Medicine & Ethics**. v. 35, n. 1, p. 22-34, 2007.

SILVA, M. V. Alimentação na escola como forma de atender às recomendações nutricionais de alunos dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS). **Cadernos de Saúde Pública**. n. 14, v. 1, p. 171-180, 1998.

SILVA, R. C. R.; ASSIS, A. M. O.; SZARFARC, S. C.; PINTO, E. J.; COSTA, L. C. C.; RODRIGUES, L. C. Iniquidades socioeconômicas na conformação dos padrões alimentares de crianças e adolescentes. **Revista de Nutrição**. n. 25, v. 4, p. 451-461, 2012.

SILVA, F. N.; SCHWARTZ, L. H.; MENASCHE, R. O tradicional e o moderno na alimentação de famílias rurais pomeranas. **Revista de la Facultad de Agronomía (La Plata)**. v. SIAL, n.112, p. 93-102, 2013.

SILVEIRA, J. A. C.; TADDEI, J. A. A. C.; GUERRA, P. H.; NOBRE, M. R. C. Effectiveness of school-based nutrition education interventions to prevent and reduce excessive weight gain in children and adolescents: a systematic review. **Jornal de Pediatria**. v. 87, n 5, p. 282-292, 2011.

SCHMITZ, B. A. S.; RECINE, E.; CARDOSO, G. T.; SILVA, J. R. M.; AMORIM, N. F. A.; BERNARDON, R.; RODRIGUES, M. L. C. F. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 24, n. 2, p. 312-322, 2008.

SUMONJA, S.; NOVAKOVIĆ, B. Determinants of fruit, vegetable, and dairy consumption in a sample of schoolchildren, northern serbia, 2012. **Prevention Chronic Disease**. v. 31, n. 10, p. 1-9 , 2013.

TAYLOR, L. J.; GALLAGHER, M.; MCCULLOUGH, F. S. W. The role of parental influence and additional factors in the determination of food choices for pre-school children. **International Journal of Consumer Studies**. v. 28, n. 4, p. 337–346, 2004.

VARGAS, M. U. Razones de Consumo de Frutas y Vegetales en Escolares Costarricenses de uma Zona Urbana. **Revista Costarricense de Salud Pública**. v. 18, n. 1, p. 15–21, 2009.

VASCONCELOS, F. A. G.; BATISTA FILHO, M. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. n.16, v.1, p. 81-90, 2011.

VASCONSELOS, F. A. G. A pesquisa qualitativa nos programas de pós-graduação em nutrição no Brasil: análise das dissertações e teses. **Demetra**. v. 8, n.1, p. 329-348, 2013.

VISSERS, P. A.; SLUIJS, E. M. V.; JENNINGS, A.; WELCH, A.; CASSIDY, A.; GRIFFIN, S. J. Association between diet and physical activity and sedentary behaviours in 9-10-year-old British White children. **Public Health**. v. 127, n. 3, p. 231-240, 2013.

ZANCUL, M. S.; VALETA, L. N. Educação nutricional no ensino fundamental: resultados de um estudo de intervenção. **Nutrire**. v. 34, n. 3, p. 125-140, 2009.

ZEINSTRA, G. G.; KOELEN, M. A.; KOK, F. J.; DE GRAAF, C. Cognitive development and children's perceptions of fruit and vegetables; a qualitative study. **International Journal of Behavioral Nutrition**. v. 8, n. 30, p. 1-11, 2007.

WENRICH, T. R.; BROWN, J. L.; MILLER-DAY, M.; KELLEY, K. J.; LINGERICH, E. J. Family members' influence on family meal vegetable choices. **Journal of Nutrition Education and Behavior**. v. 42, n. 4, p. 225-234, 2010.

WHO/FAO. Expert Consultation on Diet, Nutrition and the Prevention of Chronic Diseases. Geneva: WHO/FAO; 2003.
http://whqlibdoc.who.int/trs/who_trs_916.pdf

WIJESINHA-BETTONI, R.; ORITO, A.; LÖWIK, M.; MCLEAN, C.; MUEHLHOFF, E. Increasing fruit and vegetable consumption among schoolchildren: efforts in middle-income countries. **Food & Nutrition Bulletin**. v. 34, n. 1, p. 75-94, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Questionário auto-aplicável para os responsáveis

Para estimar o consumo de frutas e vegetais entre crianças de seis e sete anos, solicitamos que o senhor(a) preencha o questionário abaixo com informações sobre o seu filho(a)

| As primeiras perguntas são de identificação do seu filho(a) | |
|---|--|
| 1. | Qual o nome completo do seu filho(a)? _____ |
| 2. | Qual a data de nascimento do seu filho(a)? _____ |
| 3. | Marque com um X qual o sexo do seu filho(a): () Feminino () Masculino |
| 4. | O seu filho(a) tem irmãos? () Não () Sim Quantos irmãos têm seu filho? _____ |
| 5. | Assinale nas opções abaixo quem mora na casa com seu (sua) filho(a): () Pai () Mãe () Irmãos () Avós () Tios () Outros |
| 6. | Ao todo quantas pessoas moram na casa com seu filho? _____ |
| 7. | Seu (sua) filho(a) tem alguma doença que interfere na sua alimentação? () Não () Sim. Qual? _____ |
| Nas próximas questões assinale com um X uma das opções | |
| 8. | Nos últimos 7 dias, em quantos dias o seu filho(a) comeu salada crua (alface, tomate, cenoura, pepino, repolho, etc)? |
| | <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div> <input type="checkbox"/> Não comeu <input type="checkbox"/> 1 dia nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 2 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 3 dias nos últimos 7 dias </div> <div> <input type="checkbox"/> 4 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 5 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 6 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> Todos os 7 dias </div> </div> |
| 9. | Nos últimos 7 dias, em quantos dias o seu filho(a) comeu legumes e verduras cozidos (couve, abóbora, chuchu, brócolis, etc)? |
| | <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div> <input type="checkbox"/> Não comeu <input type="checkbox"/> 1 dia nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 2 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 3 dias nos últimos 7 dias </div> <div> <input type="checkbox"/> 4 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 5 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 6 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> Todos os 7 dias </div> </div> |
| 10. | Nos últimos 7 dias, em quantos dias o seu filho(a) comeu frutas frescas ou salada de frutas? |
| | <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div> <input type="checkbox"/> Não comeu <input type="checkbox"/> 1 dia nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 2 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 3 dias nos últimos 7 dias </div> <div> <input type="checkbox"/> 4 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 5 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> 6 dias nos últimos 7 dias <input type="checkbox"/> Todos os 7 dias </div> </div> |

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Sr(a)

Os alunos da escola XXX estão sendo convidados para participar do estudo denominado “O que as crianças pensam sobre frutas e vegetais? Um estudo sobre consumo alimentar entre escolares”. O objetivo desse estudo é avaliar o consumo e identificar o contexto e os motivos que levam escolares entre seis e sete anos a consumir ou não frutas e vegetais. Para isso os alunos serão convidados a participar de um encontro onde as crianças terão oportunidade de desenhar e conversar sobre frutas e vegetais. Serão gravadas e fotografadas as atividades desenvolvidas por eles e esses registros serão utilizados somente pela equipe de pesquisa não sendo divulgadas as identidades das crianças. As atividades serão realizadas na escola no turno da aula, em sala separada. Não são esperados riscos relacionados a participação nesta pesquisa. E a qualquer momento o senhor(a) ou seu filho (a) poderão desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. A participação neste estudo não lhes trará benefícios diretos nem alterará as relações com a escola, mas a partir desse encontro será possível realizar atividades que estimulem as crianças terem uma alimentação saudável. As informações obtidas mediante essa pesquisa serão confidenciais, assim quando este trabalho for apresentado para outras pessoas, elas não saberão seus nomes. Sua colaboração é muito importante. Após receber todas as informações que julgar necessárias, se o senhor(a) quiser, seu (sua) filho (filha) participará deste estudo. A participação do (a) aluno (a) não acarretará custos, portanto não haverá ressarcimentos financeiros.

Em caso de dúvida entre em contato com a pesquisadora Merlen Nunes Grellert pelo telefone (53)81051433 ou pelo e-mail: gre.merlen@gmail.com

Merlen Nunes Grellert
Pesquisadora

Após ter sido informado (a) sobre as finalidades do estudo, eu, (escrever o nome do (a) responsável), AUTORIZO que meu (minha) filho(a) participe deste estudo.

Pelotas, _____ de 2013.

Assinatura do responsável

APÊNDICE III

Termo de Autorização do Uso da Imagem

Eu _____ (escrever nome do pai e/ou responsável) autorizo a utilização das imagens (de vídeo e/ou fotográficas) provenientes da pesquisa “O que as crianças pensam sobre frutas e vegetais? Um estudo sobre consumo alimentar entre escolares”, do qual _____ (escrever o nome da criança) fará parte. Eu entendo que essas imagens serão utilizadas apenas na análise dos dados de sua pesquisa.

Pelotas, _____ de 2013.

Assinatura do responsável

APÊNDICE IV

Termo de Assentimento

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que está se desenvolvendo com os alunos das escolas xx e xx, com idade entre seis e sete anos, para que possamos conhecer o consumo de frutas e vegetais. Para isso, o convidamos a participar de um encontro onde serão gravadas e fotografadas as atividades desenvolvidas, para que a equipe de pesquisa possa prestar mais atenção aos participantes do grupo durante os encontros, e o que foi dito, gravado e fotografado só poderá ser ouvido pela equipe. Depois quando os dados da pesquisa forem publicados, não será utilizado seu nome ou sua imagem. A sua participação é voluntária, por isso você não é obrigado (a) a participar da pesquisa, você que decide se quer ou não participar. Também poderá desistir a qualquer momento que desejar. Você não corre risco ao participar desta pesquisa.

Qualquer dúvida sobre a pesquisa seus pais ou responsáveis poderão entrar em contato com a equipe de pesquisa pelo telefone (53)81051433 ou pelo e-mail: gre.merlen@gmail.com.

Merlen Nunes Grellert
Pesquisadora

Samanta Winck Madruga
Professora Orientadora

EU, _____
(escrever o nome da criança), aceito participar da pesquisa e concordo livremente em participar do encontro em grupo, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Pelotas, _____ de 2013.

Assinatura do participante

APÊNDICE V

Roteiro de para coleta de dados

1. Gostaríamos que vocês falassem sobre frutas legumes e verduras.
2. Quais desses alimentos vocês mais gostam? Por quê?
3. Quais desses alimentos vocês não gostam? Por Quê?
4. Onde vocês consomem esses alimentos?
5. Vocês comem esses alimentos em casa?
6. Vocês comem esses alimentos na escola?
7. Tem fruta nas casas de vocês?
8. Como são preparados esses alimentos nas casas de vocês?
9. O que os pais falam sobre esses alimentos?
10. Quais são os alimentos preferidos?
11. Quais são os alimentos evitados?
12. Que atributos estão associados a cada um deles?
13. Quais os alimentos que são considerados gostosos?
14. Quais alimentos fazem bem?
15. Quais alimentos fazem mal?

APÊNDICE VI

Autorização das Escolas

Prezados/as Diretores/as e Coordenadores/as Pedagógicos/as

Venho através deste, solicitar a autorização para a realização de coleta de dados relacionadas ao projeto de mestrado intitulado “O que as crianças pensam sobre frutas, legumes e verduras: um estudo sobre consumo alimentar entre escolares” da Mestranda Merlen Nunes Grellert. O projeto tem como principais objetivos, avaliar os valores socioculturais associados às frutas e vegetais (FV) entre crianças (6-7 anos), para isso pretendemos investigar os aspectos afetivos, situacionais e culturais atrelados ao consumo e/ou oferta de FV na perspectiva das crianças.

Para obtenção dos dados para a pesquisa pretendemos realizar conversas informais, conversas dirigidas, discussões em grupo com uso de imagens e produção de desenhos, e observação do ambiente e das interações entre crianças matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental.

Além deste método um breve questionário contendo perguntas sobre marcadores de consumo alimentar que será enviado ao(s) responsável(is), juntamente com o Termo de consentimento livre e esclarecido e o Termo de Autorização do Uso da Imagem.

A realização deste projeto está aprovada pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto, conforme Convênio de Cooperação Técnica e Científica firmado entre a Gestão Municipal e a Universidade Federal de Pelotas. O convênio assim como o projeto com maiores detalhes sobre a pesquisa encontram-se anexo.

Certo de sua compreensão e na certeza de que realizaremos um grande trabalho em parceria com sua escola, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Merlen Nunes Grellert

AUTORIZAÇÃO

Afirmo que após ter lido o texto acima, concordo e autorizo que Merlen Nunes Grellert e a Profa. Dra. Samanta Winck Madruga desenvolvam a pesquisa supracitada em nossa instituição de ensino.

Pelotas, ____ de _____ de 2014.

ANEXOS

ANEXO I

Formulário de marcadores do consumo alimentar para indivíduos com cinco anos ou mais

| | | |
|---|--|----------------------------|
|  | Ministério da Saúde/ SAS/ DAB/ CGPAN | |
| | SISTEMA DE VIGILÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL | |
| | Estabelecimento de Saúde | Nº CNES* |
| Nome ou Matrícula do Profissional de Saúde | | |
| Nome completo* | | Data de nascimento:*/ / |
| Endereço completo* | | |
| Documentação (tipo, número e outras especificações) | | Data de preenchimento:*/ / |

* Campos de preenchimento obrigatório (fundo cinza).

FORMULÁRIO DE MARCADORES DO CONSUMO ALIMENTAR - INDIVÍDUOS COM 5 ANOS DE IDADE OU MAIS -

| Nos últimos 7 dias, <u>em quantos dias</u> você comeu os seguintes alimentos ou bebidas? | | | | | | | | |
|---|--------------------------------|-----------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|-------------------------|
| ALIMENTO/ BEBIDA | Não comi nos últimos sete dias | 1 dia nos últimos sete dias | 2 dias nos últimos sete dias | 3 dias nos últimos sete dias | 4 dias nos últimos sete dias | 5 dias nos últimos sete dias | 6 dias nos últimos sete dias | Todos os 7 últimos dias |
| 1. Salada crua (alface, tomate, cenoura, pepino, repolho, etc) | | | | | | | | |
| 2. Legumes e verduras cozidos (couve, abóbora, chuchu, brócolis, espinafre, etc) (não considerar batata e mandioca) | | | | | | | | |
| 3. Frutas frescas ou salada de frutas | | | | | | | | |
| 4. Feijão | | | | | | | | |
| 5. Leite ou iogurte | | | | | | | | |
| 6. Batata frita, batata de pacote e salgados fritos (coxinha, quibe, pastel, etc) | | | | | | | | |
| 7. Hambúrguer e embutidos (salsicha, mortadela, salame, presunto, lingüiça, etc) | | | | | | | | |
| 8. Bolachas/ biscoitos salgados ou salgadinhos de pacote | | | | | | | | |
| 9. Bolachas/ biscoitos doces ou recheados, doces, balas e chocolates (em barra ou bombom) | | | | | | | | |
| 10. Refrigerante (não considerar os diet ou light) | | | | | | | | |

RELATÓRIO DE CAMPO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Nutrição

Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos



Relatório de Campo

**O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS?
UM ESTUDO SOBRE O CONSUMO ALIMENTAR ENTRE ESCOLARES**

Merlen Nunes Grellert

Pelotas, 2014

Desenvolvimento da Pesquisa

1. Percursos da pesquisa

1.1. Estudo Piloto

Antes de iniciar a inserção no campo de pesquisa realizamos um estudo piloto no mês de fevereiro de 2013. Esse serviu para a aproximação da pesquisadora às crianças com características semelhantes às escolhidas para fazer parte da amostra do estudo. Durante a formação acadêmica, principalmente durante a Residência em Saúde da Criança, esta já havia trabalhado com essa população, no entanto, o contato sempre teve como objetivo alguma forma de intervenção como ensinar, prescrever, informar, modificar rotinas e alimentação seja por diagnósticos de doença ou para promoção à saúde. Então, precisava aprender a ouvir, observar e descobrir as escolhas das crianças sem interferir nos seus modos de pensar. Assim, esse primeiro contato foi de intenso aprendizado. Além disso, esse estudo serviu para testarmos e adequarmos as técnicas escolhidas para o estudo.

Nossa inexperiência com o campo e com a abordagem da pesquisa qualitativa nos desafiou nesse primeiro contato. A pesquisa qualitativa depende da capacidade do pesquisador em campo e de sua experiência frente aos dados, por isso comumente, pesquisadores da área da saúde, agregam ao grupo de pesquisa antropólogos e/ou pesquisadores mais experientes para oferecer apoio e supervisão ou trabalho de coleta e análises de dados (VICTORA *et al.*, 2000). Sendo assim, adotamos essa mesma estratégia.

A primeira etapa do estudo piloto foi a escolha da escola. A princípio a escola escolhida foi uma escola estadual onde já estava ocorrendo um projeto maior da Faculdade de Nutrição e o estudo piloto foi inserido, no entanto, estávamos no final do ano de 2013 e as professoras das turmas de primeiro ano já haviam encerrado seus conteúdos programáticos e avaliações, sendo assim, estavam apenas cumprindo carga horária, por isso a maioria dos alunos já não frequentava as aulas inviabilizando a realização do estudo. Para otimizarmos o tempo escolhemos de forma aleatória uma escola particular, pois essas retornariam às atividades acadêmicas antes das escolas públicas. A sorteada foi a Escola de Ensino Fundamental Salis Goulart, instituição particular situada no centro da cidade de Pelotas.

O segundo momento foi de contato com a direção da escola para entrega da Carta de Apresentação. Após contato telefônico com a diretora da escola, uma reunião foi marcada (em janeiro de 2014), sendo entregue a carta de apresentação com os objetivos da pesquisa e foram marcados os dias de atividades com as crianças.

Durante as atividades e o contato com as crianças observamos algumas dificuldades na aplicação das técnicas de pesquisa e a necessidade de adequarmos essas ao contexto escolar e a faixa etária. Por exemplo, de acordo com o projeto trabalharíamos com um número reduzido de crianças que seriam escolhidas aleatoriamente nas turmas de primeiro ano, no entanto entendemos que essa seleção dificultaria a coleta de dados, por isso trabalhamos com a turma toda, a justificativa para essa atitude está mais bem descrita nos detalhamentos das atividades. Além disso, no projeto estava previsto fotografar as produções das crianças, no entanto durante o piloto foi encontrada dificuldade em realizar as fotos sem ser de forma individual e que isso comprometia as interações em grupo.

1.2. Campo

Os sujeitos da pesquisa deveriam apresentar idades entre seis e sete anos e frequentar o primeiro ano do ensino fundamental. Esses critérios foram estabelecidos, pois crianças nessa faixa etária, estão no estágio de desenvolvimento cognitivo de operação concreta, durante o qual as crianças se tornam capazes de pensar de forma lógica. Nessa fase elas dominam a linguagem, o que permite interação interpessoal e fornece capacidade de trabalhar com representações para atribuir significados à realidade. Além disso, surge durante esse estágio da vida a capacidade de interiorizar as ações, ou seja, a criança começa a realizar operações mentalmente e não mais através de ações físicas (BEE e BOYD, 2011). Essas características foram importantes para alcançarmos os objetivos da pesquisa, pois nessa faixa etária as crianças conseguem expressar e justificar suas escolhas alimentares a partir de suas representações. Outro critério estabelecido foi estarem matriculadas no primeiro ano, o que se justifica por objetivarmos investigar aspectos socioculturais, situacionais e individuais/familiares atrelados às FLV. Então como as crianças estariam se inserindo no contexto escolar apresentariam menor influência do ambiente escolar e dos pares, por consequência, identificaríamos suas escolhas alimentares a partir da influência do ambiente familiar.

O ambiente escolar foi escolhido por ser o local com maior facilidade de encontrar crianças com a faixa etária pretendida (BRASIL, 2009). Além disso, estudos antropológicos, principalmente antropologia da criança indígena, sugerem que este é um vasto campo e com grande produção, o qual permite ver as concepções das crianças (COHN, 2013; TASSINARI e COHN, 2009). Para determinarmos as escolas que fariam parte da pesquisa realizamos uma investigação para sabermos quais ofertam o primeiro ano na cidade de Pelotas. Para as municipais consultamos a Secretaria Municipal de Educação, para as estaduais consultamos o site da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/cre.jsp?ACAO=acao2&CRE=05>) e para as particulares obtivemos a lista com uma aluna de mestrado que realizava pesquisa nessas escolas. Foram encontradas 89 escolas (40 municipais, 36 estaduais e 13 particulares). Dessas, foram escolhidas de forma aleatória, por meio de sorteio, duas públicas (uma municipal e uma estadual) e uma privada. Com essa seleção objetivamos contemplar dois universos socioeconômicos a fim de buscar informações relevantes e distintas para as camadas sociais. As diferenças entre as escolas poderiam desvelar os motivos, além dos situacionais como o nível socioeconômico, que estariam ligados ao consumo de FLV entre as crianças matriculadas em escolas públicas e se esses seriam diferentes dos das crianças de escolas particulares, uma vez que estudos quantitativos apontam associações nesse sentido (ASSIS *et al.*, 2010; CONCEIÇÃO *et al.*, 2010; COSTA e ASSIS, 2012).

A etapa após o sorteio foi de contato com os locais. Realizamos reunião com a direção de cada escola, apresentamos a pesquisa e marcamos as datas para a realização das atividades, as quais ocorreram em dias escolhidos pelas instituições, conforme seu calendário letivo e disposição do professor. Sendo assim, em cada escola foram realizados três encontros, conforme previsto no projeto e esses aconteceram entre os meses de fevereiro e maio de 2014.

A fim de aprofundar e compreender melhor as informações apresentadas pelas crianças, optamos por realizar entrevistas com os pais. Para isso, procuramos a direção da escola novamente e pedimos que sugerissem uma forma de termos contato com os pais dos alunos. A escola municipal e a particular possibilitaram a nossa participação em reunião de pais e mestres enquanto que a estadual nos forneceu uma lista com os contatos dos responsáveis pelos alunos, assim conseguimos chegar até os entrevistados.

Como as falas dos pais entrevistados apresentavam uma tendência a informar conhecimento sobre alimentação saudável, julgamos que seria necessário entrevistar algum responsável que desconhecesse os objetivos da pesquisa e a atuação da entrevistadora (nutricionista), para avaliarmos se haveria diferença nas falas. Esse novo entrevistado foi escolhido na escola estadual, por termos uma lista com os contatos dos responsáveis pelos alunos. A escolha foi aleatória entre os nomes de pais que não tiveram contato com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou com a entrevistadora.

Essas entrevistas não estavam contempladas no projeto e ocorreram entre os meses de junho e agosto de 2014. Surgiram como uma necessidade do campo, principalmente por nossa inexperiência em compreender as representações das crianças, o que nos levou, em alguns momentos, a duvidar de suas falas e informações. Porém, as entrevistas confirmaram as informações trazidas pelas crianças o que nos fez refletir, assim como Corsaro (2005), sobre a nossa dificuldade enquanto adultos, de estudar e compreender os significados elaborados pelas crianças. Outro motivo para optarmos por pesquisar as mães/responsáveis foi o tempo reduzido para exploração do campo, pois para compreendermos melhor as crianças e suas representações precisaríamos mais tempo com elas e uma técnica de pesquisa longitudinal, como a etnografia.

2. Etapas da Pesquisa

A pesquisa foi dividida em duas grandes etapas: atividades em grupo com as crianças e entrevistas com as mães/responsáveis. A primeira etapa se subdividiu em quatro, a saber: atividade em grupo com a turma toda utilizando a técnica de “Elaboração de Desenho”; atividade em grupo com a turma toda utilizando a técnica de “Classificação de Fotos ou Gravuras”; atividade em grupo com três crianças utilizando a mesma técnica de “Classificação de Fotos ou Gravuras” e atividade de “Devolução”.

2.1 Atividades em grupo

O grupo focal é uma das técnicas mais usuais em pesquisa qualitativa em saúde para pesquisa em grupo. Essa possibilita entender em profundidade um

comportamento dentro de um grupo determinado (VICTORA *et al.*, 2000), no caso da presente pesquisa possibilitaria entender o consumo de FLV entre as crianças. No entanto, essa técnica exige sessões grupais de discussão, centralizando um tópico específico a ser debatido entre os participantes, o que não ocorreria entre crianças na faixa etária escolhida.

Por isso, utilizamos a estrutura do grupo focal para reger nossas atividades em grupo, porém com adaptações, como a de agregar outras técnicas nos grupos, para adequar essa técnica a fase do desenvolvimento cognitivo dos entrevistados. Então, as atividades em grupo obedeceram as três fases do grupo focal descritas por Victora *et al.* (2000). Para essa autora a fase I é de preparação do encontro e seleção dos participantes, a fase II o encontro e a fase III a transcrição dos dados. Realizamos essas fases conforme segue:

Fase I: Os participantes do estudo foram convidados a participar dos encontros primeiramente pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enviado por intermédio da escola, aos pais ou responsáveis e, após o retorno dos termos, as crianças autorizadas foram convidadas a participar das atividades em grupo, as mesmas poderiam recusar participar em detrimento do consentimento dos pais, por isso antes de cada atividade eram questionadas se aceitavam participar e serem filmadas, não houve recusa. Foi elaborado um roteiro com questões abertas para guiar as conversas durante a atividade (roteiro descrito no projeto). Além disso, preparamos as câmeras a serem utilizadas para a gravação, pois optamos por filmar os encontros para facilitar o registro da linguagem não verbal das crianças.

Escolhemos em cada escola, juntamente com a direção e professores, o local, data e horário mais adequado para a realização dos encontros. Estipulamos 40min como o tempo de duração da atividade e embora, conforme sugerido por pesquisadores, um número de participantes entre seis e doze é adequado, optamos por trabalhar com a turma inteira, pois as crianças tendem a mudar seu comportamento e se oprimirem se mudarmos seu ambiente já familiarizado. Não modificamos o ambiente das crianças e, dessa forma, não prejudicamos a obtenção dos dados.

Fase II: os encontros contaram com um facilitador que conduzia as atividades e estimulava o diálogo entre as crianças conforme os objetivos da pesquisa e, um auxiliar de pesquisa responsável pelos registros, auxílio na prática das atividades e controle do grupo. Para caracterização das crianças foi enviado aos pais, juntamente

com os TCLE, um questionário para obtermos informações sobre as crianças e suas famílias (está anexado ao projeto).

Fase III: os dados gerados na pesquisa foram submetidos à análise de conteúdo, em três grandes etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados e interpretação (BARDIN, 1977). Utilizamos a análise por categoria temática. Três pesquisadores realizaram a análise, primeiro separadamente e, posteriormente, comparando os resultados e discutindo as categorias encontradas.

Para estimular a interação das crianças com a pesquisadora e entre elas e para que pudessem expressar suas representações sobre o consumo de FLV, agregamos à técnica de grupo duas outras: técnica de elaboração de desenhos e técnica de classificação de fotos ou gravuras, as quais que possibilitaram o brincar e as brincadeiras mostraram-se compatíveis com o nível de desenvolvimento das crianças na faixa etária escolhida.

2.2. Elaboração de Desenhos

No primeiro encontro com toda a turma, realizamos a técnica de Elaboração de Desenhos (VICTORA *et al.*, 2000). Solicitamos que desenhassem FLV preferidos. Frente aos desenhos, iniciamos uma conversa voltada às justificativas das crianças para as suas classificações de gosto. Todos os desenhos foram entregues pelas crianças aos pesquisadores como materiais de pesquisa. Para as crianças, o ato de desenhar está relacionado ao brincar, conforme James e Christensen (2000). É um ato que não requer nenhuma técnica especial, uma vez que constantemente as crianças desenhavam por lazer. No entanto, com o desenrolar da atividade foi observado que as crianças começaram a copiar os desenhos umas das outras. Não interferimos quando isso ocorria, mas procuramos incentivar a originalidade e o não olhar para o desenho do colega (PIRES, 2007). Além disso, utilizamos o elogio que serviu como incentivo para a elaboração de um desenho próprio, conforme Mead (1932) sugere.

As crianças do estudo ficaram muito empolgadas com a atividade do desenhar. Esse interesse das crianças pelo desenho ocorre em diferentes culturas e situações, pois Conh (2005) usou essa técnica para coleta de dados entre crianças indígenas e ele a descreve como sendo “uma atividade que elas adoram fazer”. Esse mesmo autor traz que, a forma como as crianças desenhavam e organizavam as coisas no papel são muito reveladoras sobre seu contexto. Nos desenhos dos participantes da nossa

pesquisa pudemos perceber o mesmo, ou seja, o quanto o desenho deles revelou quem são e o que gostam. Mesmo sendo uma atividade dirigida, não os impediu de colocarem suas características no desenho, e esse fato concorda com o que Sarmiento (2003) comenta, sobre como a criança se coloca no desenho e como elas interpretam o mundo a sua volta e o expressam de forma modificada de acordo com o seu imaginário e sua realidade. Elas se desenharam comendo os alimentos, ou com vários corações, que segundo uma menina, significavam que ela “amava muito comer” aquelas frutas, legumes e verduras. Em alguns desenhos surgiram as “Chiquititas”. Esses exemplos mostram a capacidade da criança em interpretar a atividade a partir de sua percepção e colocar nela elementos de sua realidade, além de identificar sua capacidade cognitiva.

2.3. Classificação de Fotos ou Gravuras

No segundo encontro utilizamos a técnica de Classificação de Fotos ou Gravuras (VICTORA *et al.*, 2000). Nessa atividade as crianças foram estimuladas a opinarem sobre o consumo (diário ou nunca) de FLV, a partir de fotos de alimentos presentes nos cardápios habituais das famílias como, arroz, feijão, carnes, macarrão etc, além de alimentos preferidos pelas crianças como batata frita, bife de frango empanado, hambúrguer etc, e uma variedade de FLV. Essa lista de alimentos foi gerada a partir da tabela de Aquisição alimentar domiciliar *per capita* anual Brasil e Grandes Regiões, obtidas na Pesquisa de Orçamento Familiar (IBGE, 2010).

Para estimulá-las, pedimos que cada criança escolhesse fotografias, para compor um prato com alimentos que refletissem a sua última refeição (almoço, lanche ou jantar), após, pedimos que escolhesse os alimentos favoritos, os alimentos que não gostava, os que considerava saudáveis, os que considerava não saudáveis, sucessivamente. Cada vez que o prato era montado, desencadeou-se nova conversa com todos, objetivando desvelar as preferências, representações e valores desses alimentos no contexto domiciliar. As figuras serviram como disparador para a fala sobre o que gostavam e o que não gostavam de comer e a proposta do brincar deixou as crianças à vontade para se expressar. De acordo com Monteiro (2003), as crianças em idade escolar são capazes de, por meio da brincadeira, atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações externas, mediadas pelo ato de brincar, por esse motivo o uso das imagens facilitou a coleta de informações entre as crianças, por outro lado como estavam brincando, em

alguns momentos se excediam (gritavam, falavam ao mesmo tempo) o que dificultou o processo de transcrição.

Apesar das crianças terem participado ativamente nos encontros, várias dúvidas surgiram a partir dos relatos. Mais especificamente se suas respostas representavam o seu consumo/hábito ou se estavam influenciadas pelas escolhas dos colegas. Com dificuldade de responder de modo seguro, realizamos um terceiro encontro. Foram escolhidas três crianças de cada escola para uma conversa mais próxima e com menos interferências dos colegas. Essas crianças apresentavam um comportamento alimentar semelhante ou igual à maioria de sua turma e, ainda, boa desenvoltura na fala. Nesse terceiro momento, repetiu-se a atividade desenvolvida no segundo encontro, priorizando uma conversa mais específica e aprofundada sobre as escolhas de cada criança.

2.4. Devolução

A última atividade com as crianças foi a que denominamos de atividade de Devolução. Ocorreu de acordo com a necessidade identificada em cada turma, sendo que para as crianças da escola municipal oferecemos um desenho de FLV para colorir, enquanto conversamos sobre o consumo desses alimentos. Na escola particular foi realizada a brincadeira do alimento oculto com as FLV *in natura* e na escola estadual, entregamos uma foto da atividade para colocarem no “Livro da Vida” que estava sendo construído pela turma ao longo do ano.

2.5. Entrevistas

A fim de aprofundar a compreensão acerca das informações trazidas pelas crianças realizamos entrevistas semi-estruturadas (MINAYO, 2014) com as mães/responsáveis. Selecionamos os entrevistados a partir das crianças que participaram do grupo menor e, para chegarmos até eles, procuramos a direção da escola novamente e pedimos que sugerissem uma forma de termos contato com os pais dos alunos. As entrevistas ocorreram na casa dos informantes e em alguns momentos, mais de um membro da família participou. As entrevistas tiveram duração média de 40min, foram gravadas e transcritas na íntegra, e feitas seguindo um roteiro (apêndice I) elaborado a partir dos dados obtidos nas atividades com as crianças. Na forma de diálogo, as perguntas estimularam a livre expressão dos

entrevistados, possibilitando uma melhor compreensão do contexto familiar e alimentar das crianças do estudo.

3. Referências

- ASSIS, M. A. A.; CALVO, M. C. M.; KUPEK, E.; VASCONCELOS, F. A. G.; CAMPOS, V. C.; MACHADO, M.; COSTA, F. F.; ANDRADE, D. F. Qualitative analysis of the diet of a probabilistic sample of schoolchildren from Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil, using the Previous Day Food Questionnaire. **Cadernos de Saúde Pública**. n. 26, v. 7, p.1355-1365, 2010.
- BEE, H.; BOYD, D. A Criança em desenvolvimento. 12ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BRASIL. **Saúde na Escola**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica, n 24. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- COHN, C. Concepção de infância e infâncias. Um estudo da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**. n. 13, v. 2, p. 221-244, 2013.
- CONCEIÇÃO, S. I. O.; SANTOS, C. J. N.; SILVA, A. A. M.; SILVA, J. S.; OLIVEIRA, T. C. Consumo alimentar de escolares das redes pública e privada de ensino em São Luís, Maranhão. **Revista de Nutrição**. n. 23, v. 6, p. 9931004, 2010.
- COSTA, F. F.; ASSIS, M. A. A. Perfil de atividade física e consumo alimentar autorrelatado de escolares de 7 a 10 anos da rede pública e privada. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. n.14, v. 5, p.497- 506, 2012.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- TASSINARI, A.; COHN, C. Opening to the other: schooling among the Karipuna and Mebengokré-Xikrin of Brazil. **Anthropology & Education Quartely**. n. 40, v.2, p. 150-169, 2009.
- VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. Pesquisa Qualitativa em Saúde. 1ª Ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

4. Apêndice

Apêndice I - Roteiro para entrevista semi-estruturada.

1. Como é a alimentação da família?
2. O que mais gostam?
3. Quais as comidas típicas da família e por quê?
4. Quem gosta mais do que?
5. Quem faz a comida, quem compra e escolhe (filho participa)?
6. Como é a alimentação do XX? Como era quando menor?
7. Quando começou a mudar? (se mudou)
8. O que aconteceu nessa época?
9. Tem preocupações relacionadas à alimentação?
10. O que ele mais gosta e come?
11. O que menos gosta e por que disso?
12. O que é bom para a saúde e o que não é bom e por quê?
13. Frutas, legumes e verduras – ver em que posição estão e conversar sobre o que sabem deles e quais usam/como apresentam e por quê?
14. Quais são os problemas que elas acham na alimentação – tem algum ou não tem?
15. Comidas que filho(a) não gosta, mas que apresentados de outra forma come?
16. Estratégias para fazer comer e recompensas são utilizadas?

Consumo de frutas, legumes e verduras entre crianças: o que pensam sobre eles?

Consumption of fruits and vegetables among children: what they think about them?

Merlen Nunes Grellert¹

Ivana Loraine Lindemann²

Helen Gonçalves³

Samanta Winck Madruga²

¹ Nutricionista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos da Universidade Federal de Pelotas

² Nutricionista. Professora da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas

³ Psicóloga. Professora do Programa Pós-Graduação em Epidemiologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

Endereço Universidade Federal de Pelotas:

Rua Gomes Carneiro, 1 · Centro · CEP 96010-610 · Pelotas, RS Caixa Postal: 354.

Endereço da autora:

Rua José Francisco Patella, 3771· Vila Princesa · CEP: 96072-035 Pelotas, RS

Telefones para contato: (53) 8105-1433/(53) 8431-1175

Endereço eletrônico: gre.merlen@gmail.com

Área temática: Nutrição materno-infantil

Artigo elaborado conforme as normas da Revista de Nutrição

RESUMO

Objetivos

Avaliar o consumo e identificar, no contexto familiar, os motivos que levam as crianças a consumirem ou não frutas, legumes e verduras (FLV).

Métodos

Estudo qualitativo desenvolvido na cidade de Pelotas-RS, entre fevereiro e agosto de 2014. A amostra foi composta por crianças de três escolas, entre seis e sete anos de idade, e mães/responsáveis. Em cada escola, foram realizados três encontros que incluíram conversas, discussões em grupo com produção de desenhos e uso de imagens de alimentos. Com as mães/responsáveis foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Os dados transcritos foram submetidos à análise de conteúdo.

Resultados

As crianças justificaram a aceitação ou rejeição à aparência e ao sabor das FLV. Sendo o sabor doce como o principal determinante da aceitação das frutas. Crianças que receberam maior incentivo de suas mães/responsáveis para consumirem FLV justificaram suas escolhas alimentares com propriedade, relataram ter FLV disponíveis em casa, relacionaram os alimentos com doenças e classificaram as FLV como saudáveis. Crianças que receberam menor incentivo associaram o consumo de FLV a alimentos industrializados e referiam consumir as FLV disponíveis na escola. Entre as mães/responsáveis a relação do afeto com a oferta de FLV se fez presente, relacionado ao cuidado entre as com maior incentivo e ao prazer entre as demais.

Conclusão

O consumo de FLV esteve relacionado com os aspectos organolépticos, a disponibilidade nos ambientes, o conceito de saudável, a presença ou ausência de doença na família, a preocupação/cuidado materno e o prazer. Estes aspectos ganham maior ou menor peso conforme as compressões e conhecimento materno/familiar sobre o que é uma criança saudável e o papel dos alimentos no seu bem estar.

Termos de indexação: Criança, Consumo alimentar, Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

Objective

Evaluate the intake and identify, within the family, the reasons that lead children to consume or not fruits and vegetables (FLV).

Methods

Qualitative study conducted in the city of Pelotas, between February and August 2014. The sample consisted of children from three schools, between six and seven years old, and mothers / guardians. In each school, there were three meetings that included talks, group discussions with production drawings and use of food pictures. With mothers / guardians semi-structured interviews were conducted. The transcribed data were subjected to content analysis.

Results

Children justified the acceptance or rejection of the appearance and taste of the FLV. Being the sweet taste as the main determinant of acceptance of fruit. Children who received further encouragement from their mothers / guardians to consume FLV justified their food choices with property, reported FLV available at home, related foods with disease and classified the FLV as healthy. Children who received less incentive associated the consumption of fruits and vegetables to processed foods and consume referred FLV available at school. Among the mothers / guardians to affect the relationship with the offer of FV was present, related to care among those with greater incentive and pleasure among others.

Conclusion

FLV consumption was related to the sensory aspects, the availability in the environment, the concept of healthy, the presence or absence of disease in the family, the concern / maternal care and pleasure. These aspects gain more or less weight as compressions and maternal / family knowledge about what is a healthy child and the role of food in their welfare.

Indexing terms: Child, Food Consumption, Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

No cuidado da saúde, a alimentação tem papel fundamental. Comer alimentos com qualidade e em quantidade necessária favorece o crescimento e o desenvolvimento adequado da criança, que terá menor probabilidade de desenvolver doenças crônicas não transmissíveis na vida adulta¹. Além da manutenção da saúde, alimentar-se é uma prática de cunho social, cultural e psicológico bastante valorizada e relativa a cada contexto^{2,3}.

A contribuição das frutas, legumes e verduras (FLV) para a manutenção da saúde e a prevenção de doenças é bastante disseminada a todas as idades⁴. Apesar disso, dados epidemiológicos apontam haver um baixo consumo de FLV entre as crianças no Brasil⁵, sendo este ainda menor entre crianças com baixo nível socioeconômico, entre aquelas as quais os pais impõem o consumo, as com excesso de peso, aquelas cujas mães têm baixa escolaridade, ou entre as sedentárias e que não têm disponíveis em casa ou na escola esses alimentos^{6,7,8,9,10}. Embora alguns fatores sejam conhecidos, pouco se sabe sobre as razões do baixo consumo desses alimentos nesse grupo etário.

Todavia, frequentemente afirma-se como verdadeiro que as escolhas alimentares e as dificuldades em variar ou ampliar o cardápio familiar cotidiano, frente ao leque de alimentos disponíveis (ou possíveis), estão postas desde a infância⁹. Nesse processo de formação do hábito alimentar, inicialmente, há o reconhecimento, identificação e classificação de algo como apropriado ou não ao consumo e ao gosto/costume do grupo social¹¹. Sendo a família o primeiro grupo em que o indivíduo se insere, suas influências são importantes para a criação de hábitos e gostos. As escolhas alimentares da família também são mediadas por regras de interdições dietéticas mais amplas – com ação das religiões, do conhecimento científico e da apropriação deste pelo senso comum e mídia. Esse conjunto de informações e valores influencia a inclusão ou a exclusão de certos alimentos do cardápio^{12,13}.

Muitas das escolhas alimentares diárias se solidificam no decorrer do tempo pela repetição de determinados experimentos gustativos, elogios ou censuras exercidos no ambiente familiar ou outros reconhecidos como importantes⁹. As ideias sobre os alimentos e suas influências positivas e negativas para o corpo e/ou a saúde consolidam a diversidade de um cardápio¹². Nesse contexto, as crianças são suscetíveis às influências socioculturais e agentes no processo de construção de hábitos e práticas alimentares, muitos dos quais tendem a ser mantidos durante a vida adulta¹⁴. Entende-se que a “comida” não é apenas uma substância alimentar, mas um estilo, um modo e um jeito de alimentar-se².

Estudar as influências ou dificuldades das crianças (e/ou da família) para o consumo de FLV torna-se premente. No Brasil, nos últimos anos tem crescido o consumo por crianças de alimentos ultraprocessados, hábito este cujas consequências negativas à saúde estão

bem consolidadas⁴. Abordar, sob a perspectiva das crianças, as suas escolhas e as relações tecidas com os alimentos/comida, saúde e cultura, pode fornecer subsídios importantes para enfraquecer as barreiras do consumo de FVL. O objetivo desse estudo é, portanto, avaliar o consumo e identificar alguns dos motivos para crianças consumirem ou não FLV.

MÉTODOS

Pesquisar com crianças impõe desafios. São socialmente ativas e apresentam notável capacidade de apreender, reproduzir e comunicar os significados culturais de suas escolhas, ideias e comportamentos, mas não são comumente escolhidas como sujeitos de pesquisa ou informantes-chave em trabalhos qualitativos na área da saúde¹⁵. Portanto, o primeiro desafio deste estudo, ao torná-las sujeitos de pesquisa com voz ativa, foi o de escolher as melhores técnicas de aproximação/observação, questionamento e interpretação a serem utilizadas.

Para atingir o objetivo, utilizando abordagem qualitativa, optou-se por trabalhar com crianças escolares. O estudo foi desenvolvido na cidade de Pelotas, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul. Foram selecionadas aleatoriamente três escolas (uma municipal, uma estadual e uma particular), considerando que poder-se-ia ter diferenças (econômicas e culturais, por exemplo) perceptíveis nas razões para consumir ou não FLV entre crianças frequentadoras de escolas públicas e particulares. Estudos epidemiológicos indicam que as diferenças socioeconômicas se refletem no acesso aos alimentos e no conhecimento sobre as propriedades dos alimentos⁷. Sabe-se ainda que há maior consumo de FVL entre as crianças matriculadas em escolas particulares quando comparadas às crianças de escolas públicas⁸.

Para que fosse factível, o estudo foi apresentado às escolas sorteadas (direção e professores). Após o consentimento da instituição, os pais dos alunos, de turmas de 1º ano do ensino fundamental, foram convidados a conhecer o estudo (em reunião na escola) e a autorizar a participação de seus filhos. Houve apenas uma recusa.

As crianças, de ambos os sexos, que participaram do estudo tinham idade entre seis e sete anos, e suas turmas continham entre 13 e 23 alunos. As atividades nas escolas ocorreram em dias propostos pelas instituições, respeitando o calendário letivo e a disponibilidade dos professores.

Em cada escola foram realizados três encontros com cada turma, ocorridos durante os meses de fevereiro e maio de 2014. Todas as atividades foram conduzidas e supervisionadas pela pesquisadora (MG) e uma auxiliar de pesquisa. Para as atividades foi utilizado um roteiro de perguntas sobre FLV, contendo questionamentos sobre alimentos de preferência, gostos das FLV, dificuldades e, consumo e hábitos alimentares. Também foram

registradas em diário de campo as observações acerca das reações e interações (influências dos colegas, por exemplo) entre as crianças. Todos os encontros foram filmados para captar também a linguagem não verbal dos participantes durante as atividades.

Os encontros incluíram conversas, discussões em grupo com produção de desenhos e uso de imagens de alimentos. Trabalhar com crianças exige a presença de materiais lúdicos, a fim de estimular a interação e a troca com foco na questão do estudo¹⁶.

No primeiro encontro foi solicitado que as crianças desenhassem à mão livre os FLV preferidos. Frente aos desenhos, foram instigadas a explicar as razões para suas escolhas. Após a conversa, todos os desenhos foram entregues à pesquisadora. Embora as crianças tenham desenhado diferentes objetos e cenas como as de lazer, com o desenrolar da atividade do estudo foi observado que tentavam copiar os desenhos umas das outras. Apesar de ser um comportamento comum a essa fase da vida¹⁶, isso gerou um ‘problema’ ao estudo. Procurou-se então, neste momento, incentivar a originalidade e não a cópia, explicitando a importância de que cada um mostrasse a sua preferência. Além disso, utilizou-se o elogio ao desenho, o que incentivou a elaboração de figuras próprias.

No segundo encontro foi utilizada a técnica de Classificação de Fotos ou Gravuras¹⁷, na qual foram estimuladas a opinarem sobre o consumo (diário ou nunca) de FLV. Para isso, foram utilizadas fotos de alimentos presentes nos cardápios habituais das famílias tais como, arroz, feijão, carnes, macarrão, batata frita, bife de frango empanado, hambúrguer e uma variedade de FLV comumente consumidas na região (banana, maçã, laranja, alface, tomate, cenoura, entre outras). As fotos foram ofertadas às crianças pela pesquisadora e os alimentos apresentados foram escolhidos com base na tabela de aquisição alimentar domiciliar *per capita* anual Brasil e Grandes Regiões, obtidas na Pesquisa de Orçamento Familiar¹⁸.

As crianças em idade escolar são capazes de, por meio da brincadeira, atuar numa esfera cognitiva com motivações externas, mediadas, pelo ato de brincar¹⁹. Portanto, para estimulá-las, durante o segundo encontro, foi sugerido que cada uma escolhesse os alimentos compondo um prato que refletisse a última refeição (almoço, lanche ou jantar). Após escolherem os alimentos em fotos, foi solicitado que elegessem os que: não gostavam, consideravam saudáveis e não saudáveis. A cada prato montado, nova conversa desencadeava-se, objetivando desvelar as razões das preferências, representações e valores desses alimentos. O uso das imagens facilitou a coleta de informações, mas o fato de entenderem as atividades como brincadeira propiciou momentos de maior interação entre elas, aumentando o tom da voz e muitos falando ao mesmo tempo, fato que dificultou a transcrição completa de todas as opiniões sobre os alimentos nesse momento.

Apesar das crianças terem participado ativamente, várias dúvidas surgiram a partir dos relatos dos dois primeiros encontros. Mais especificamente, se as ‘repostas’ refletiam o

consumo/hábito ou se estavam influenciadas pelas escolhas dos colegas. Com dificuldade de responder de modo seguro a essas indagações, um terceiro encontro foi pleiteado. Neste, foram escolhidas três crianças de cada turma objetivando com elas desenvolver uma conversa mais aprofundada e sem a interferência do grupo de colegas. Essas crianças apresentavam um comportamento alimentar semelhante ou igual à maioria de sua turma e, boa desenvoltura na fala. Com elas, repetiu-se a atividade desenvolvida no segundo encontro, mas priorizando as razões de suas escolhas.

A fim de aprofundar a compreensão acerca das informações trazidas pelas crianças e compreender a escolha do cardápio familiar, entrevistas semiestruturadas²⁰ com as mães/responsáveis foram desenvolvidas. De junho a agosto de 2014, foram entrevistadas 10 mães/responsáveis das crianças que participaram das atividades com o grupo menor (terceiro encontro). Na forma de diálogo, o contexto familiar e o comportamento alimentar das crianças e da família foi questionado.

As mães e responsáveis (em geral, avós e pais) contatados tinham idade entre 25 e 60 anos; a maioria coabitava com companheiro e as famílias tinham até três filhos. O grau de escolaridade das mães variou de ensino fundamental incompleto a pós-graduação. Quanto à ocupação, metade das entrevistadas trabalhava fora nos dois turnos e a maioria dos pais estava empregada.

Todos os dados das conversas com crianças e mães do estudo foram transcritos e analisados (análise de conteúdo), considerando três grandes etapas: 1) pré-análise, 2) categorização do material; 3) tratamento dos resultados e interpretação²¹. Utilizamos a análise por categoria temática.

Três pesquisadores contribuíram para a análise, primeiro de forma independente, posteriormente, comparando os resultados e, por fim, discutindo as categorias encontradas. Neste processo, e considerando os contextos familiares, percebeu-se que era possível visualizar dois padrões de comportamento familiar em relação ao consumo de FLV. Havia, portanto, famílias que incentivavam o consumo de FLV e as que concediam menor incentivo à ingestão destes alimentos por parte das crianças (e adultos). No decorrer da análise procurou-se identificar semelhanças, de distintos âmbitos, em ambos os grupos. Salienta-se que foram considerados como características do incentivo ao consumo de FLV, ter disponíveis esses alimentos em casa, ofertá-los à criança, insistir para que o consumo ocorra quando há rejeição e conversar com o filho(a) sobre a importância desses alimentos na alimentação.

Na realização de todas as etapas do estudo, foram respeitados os princípios éticos em pesquisa e recebida a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (Protocolo Nº. 573.519).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Independentemente do tipo de escola, inicialmente as crianças relataram gostar e consumir FLV habitualmente. Todavia, crianças da instituição particular conheciam e identificavam mais fácil e rapidamente as FLV do que as das públicas, e também se mostraram mais expostas a esses alimentos do que as demais. As da escola municipal desenharam frutas menos comuns em relação às da escola particular, como araçá, pitanga e amora – quase todas presentes em quintais das suas casas ou de um vizinho próximo. Essas frutas não são comumente comercializadas no município em feiras livres, fruteiras ou supermercados.

Quando questionadas sobre se consumiam FLV e o que gostavam, a maioria delas salientou os aspectos organolépticos desses alimentos. Suas escolhas alimentares estavam baseadas principalmente nessas sensações, como: “Eu gosto de banana, porque é macia”; “Eu gosto [manga], tem cheiro bom.” Enquanto expressões como “É ruim”, “Tem gosto azedo”, “Coisas verdes têm gosto ruim”; “Eu não gosto de morango! É por causa da cor! Eu odeio vermelho!”; “... não tem uma cara boa”, justificavam a rejeição às FLV. Achados semelhantes também foram apontados por Krolner e colaboradores²², que analisaram estudos qualitativos realizados com crianças e adolescentes e em diferentes locais do mundo. Os autores encontraram que sabor, textura e aparência se mostram cruciais ao decidir sobre o que consumir.

Nesse contexto a maioria das respostas favoráveis ao consumo de frutas esteve relacionada à detecção do sabor doce (ser “docinha”). Ter um sabor menos contrastante ao doce, foi um fator de grande relevância para o consumo ser mais frequente e/ou para terem menor resistência para comer entre ambos os grupos analíticos. Algumas crianças disseram: “Melancia é a que eu mais gosto de todas as frutas, é docinha”; “Eu gosto de banana, porque é bem docinha”; “Tem que botar açúcar, porque é muito ruim”, “Não gosto, porque falta o docinho”. Reconhecendo essa característica no gosto dos filhos, muitas mães utilizaram, como estratégia para estimular a aceitação, o acréscimo de açúcar ou assemelhados (leite condensado) nas frutas – “Eu coloco açúcar para ele comer”, explica uma mãe.

O uso de estratégias também foi relatado em relação aos legumes e verduras. Estes alimentos são, e foram em algum momento do ensinamento do que se deve comer ou não – misturados a outros, com objetivo de disfarçar a sua presença, aparência e, muitas vezes, gosto. Isso ocorre sempre que legumes e verduras são percebidos por elas como importantes à saúde da criança e reconhecida a repulsa ou dificuldade do filho(a) em aceitar prová-los. Dizem, por exemplo: “Cenoura, abóbora e chuchu eu cozinho e coloco no feijão. Fazendo isso eles comem! O repolho eu pico bem pequeno e coloco no feijão, eles comem e não notam!”.

Em geral, o prazer em ver o(a) filho(a) comer alimentos mais agradáveis ao paladar dele(a) foi bastante valorizado pelas mães/responsáveis durante as conversas. Assim, os FLV são menos frequentes no cardápio, por serem menos “gostosos” ao paladar da criança. O paladar dos pais parece não diferir do dos filhos, o que reforça a postura inicial de tentar disfarçar esses alimentos no prato na maioria das vezes.

As crianças que receberam menor incentivo para o consumo de FLV tendiam a associar as FLV de sua preferência a alimentos industrializados e vice-versa, provavelmente influenciadas pelos adultos. Algumas explicaram, por exemplo: “Gosto de cereja, por causa do wafer de cereja”; “Maçã!! Eu tomo suco de maçã na caixinha”, “Uva é [semelhante] o pirulito”; “Repolho roxo é bom, porque é salgado, tem gosto de salgadinho”; “Precisa colocar ketchup, mostarda e maionese por cima [repolho] para ficar bom.”

Essas mesmas mães/responsáveis das crianças acima citadas eram também as que reforçavam o uso, no preparo ou oferta de alimentos contendo FLV, de alguns temperos industrializados, além de açúcar ou leite condensado. Para elas, deve-se consumir FLV, mas isso não significa não poder apresentá-lo na forma mais aceita pela criança. O ganho à saúde está em ingerir o alimento. Assim sendo, o acréscimo de açúcar ou sódio a alguns destes alimentos não é, rotineiramente levado em consideração. Portanto, utilizar alimentos industrializados “ricos em vitaminas” em substituição a FLV é uma prática aceita e pouco problematizada nesse grupo.

Muitos pesquisadores têm demonstrado que crianças, de modo geral, seguem uma tendência global na direção de uma alimentação cada vez mais doce, mais palatável e com maior densidade energética, substituindo muitos alimentos por versões processadas²³. Nessa tendência mundial deve ser considerada a influência da mídia nos alimentos industrializados, estimulando as crianças a adquirirem e ingerirem versões – julgadas como saudáveis – dos alimentos *in natura*²⁴. A alusão aos benefícios à saúde presentes nas embalagens de biscoitos, por exemplo, é um dos apelos constantes²⁵ que deram certo.

Crianças que receberam maior incentivo para o consumo de FLV dos familiares foram as que também justificaram de forma mais elaborada as suas escolhas. Um menino explicava: “Eu amo frutas, elas vêm das plantações...”, querendo qualificá-las como saudáveis porque não são industrializadas. Suas mães/responsáveis relataram conversar com os filhos sobre a sua alimentação e procuravam integrar o(a) filho(a) em algum momento do preparo de uma refeição, como na escolha e aquisição dos alimentos (“Eu sempre procuro conversar... Para que quando eu não estiver junto, ele escolha o que é mais saudável”).

O incentivo dessas mães/responsáveis parece ter possibilitado às crianças mais opções de escolha e a segurança com relação ao que estavam escolhendo em termos alimentares. Diferentemente, as crianças que receberam menos incentivo para FLV,

destacavam apenas o que mais gostavam de consumir, sendo o gosto a justificativa mais usada, pois estava baseada em suas experiências (“Não gosto de beterraba, porque tem gosto ruim”; “Eu gosto, é bom”).

A literatura sobre nutrição infantil aponta que crianças que discutem frequentemente sobre a alimentação e nutrição com as mães, quando estimuladas a provar ou experimentar um novo alimento e a participar na decisão da escolha da refeição, apresentam maior interesse e aceitação por FLV²⁶.

Outro motivo alegado pelas crianças dos dois grupos para o consumo de FLV foi a disponibilidade e oferta desses alimentos. Crianças cujas mães/responsáveis incentivavam o consumo também tinham maior variedade de FLV (duas ou mais) disponíveis rotineiramente no cardápio de casa. O mesmo não ocorria com a mesma frequência nas residências de mães que davam menor incentivo para o consumo de FLV. Para esse último grupo o local mais comum de as crianças verem e consumirem FLV era a escola (“Lá na escolinha a tia fazia arroz, feijão, aquela coisa verde e banana, e eu comia.”).

Em geral, as crianças tenderam a preferir os alimentos que estavam mais disponíveis e acessíveis em casa, portanto, valorizados pelas famílias. As frutas, porque podem ser consumidas *in natura* (banana e maçã, por exemplo), quando acessíveis à visão e ao consumo, foram as mais requeridas pelas crianças e as mais fornecidas por mães/responsáveis, fato que ocorre com maior frequência no grupo que incentiva mais fortemente o consumo: “Deixo tudo em cima da mesa, para que quando ele passar por ali lembre e coma...”.

O receio das mães de as crianças desenvolverem uma doença parece também influenciar o consumo e a oferta de FLV. Durante as atividades realizadas na escola, muitas crianças citaram a importância dos alimentos e explanaram automaticamente ter alguém na família com diabetes, doença renal, câncer ou doença cardíaca. Isso denota que parte do aprendizado sobre a relação entre saúde e alimentação está perpassada pela presença ou ausência de doença. As crianças exemplificaram dizendo: “Ovo cozido é saudável, tem pouca gordura, pode comer. Ovo frito tem muita gordura e muito sal, não é bom comer”. Todavia, essa preocupação foi notada com maior peso no grupo de mães/responsáveis que incentivavam mais o consumo de FLV e que haviam vivenciado uma doença na família (pai, mãe, avós) recentemente ou que um exame bioquímico do(a) filho(a) apontou alguma alteração. O incentivo constante para o consumo de FLV pareceu estar bastante relacionado ao receio ou ao sentimento de grande responsabilidade das mães/responsáveis sobre a criança ficar/estar doente. Logo, isso fez com que, nos discursos e na prática, as FLV fossem categorizadas como essenciais à saúde do indivíduo e, portanto, ofertadas às crianças de diversos modos. Além disso, tal comportamento mostra como o discurso biomédico se fez mais presente nessas famílias do que nas outras (menor incentivo). Ter

vivenciado uma enfermidade na família teve repercussão sobre o hábito alimentar – associação já compreendida pelas crianças. Uma mãe desse grupo ouviu do médico que o filho só não morreu, em decorrência de uma meningite, por estar bem alimentado. Nesse caso e para outras mães desse grupo, estar “bem alimentado” (alimentos saudáveis) significa incluir as FLV na dieta com certa regularidade, tornando a negociação para o seu consumo menos trabalhosa.

O entendimento das crianças sobre o que é saudável também influenciou nas suas escolhas. Embora não tenham definido o que é saúde, observou-se que aquelas que classificaram FLV como alimentos saudáveis – “Têm vitaminas”, “Aumentam o coração”, “Ajudam a crescer”, “Deixa forte para correr, pular e brincar” – referem consumi-los. Parte desse consumo está atrelada ao grande incentivo dos familiares: “Minha mãe diz que é saudável”, “Minha mãe falou que cenoura faz bem para os olhos...; meu pai não gosta de cenoura, por isso usa óculos” e parte, à capacidade de compreender o papel dos alimentos no seu bem estar. Para o grupo de mães/responsáveis que incentivavam menos o consumo de FLV, cujo comportamento sugere uma certa tranquilidade em relação à qualidade da dieta cotidiana (com ou sem FLV), esse tipo de preocupação não surgiu nas conversas. Elas demonstraram entender que uma criança está/é saudável quando tem apetite (independente do alimento que consuma), brinca e desempenha suas atividades escolares. Isso pode explicar o porquê das crianças desse grupo não falarem ou classificarem de forma espontânea as FLV como saudáveis.

Cabe destacar ainda que as crianças de ambos os grupos referiram preferir consumir alimentos industrializados. Mas o grupo que recebia maior incentivo demonstrou a contradição entre o que é bom e o que deve ser consumido: “Eu gosto de suco de pacotinho, mas é melhor [correto] ser da fruta mesmo”. Essa contradição não foi notada nas outras crianças.

Quando esse dilema foi abordado com mães/responsáveis, houve ao menos, duas posturas distintas. As que incentivavam o consumo de FLV atribuíram esse fato à praticidade em consumir alimentos industrializados e à capacidade deles interferirem no paladar. Elas assumem que, por mais cuidadosas que sejam, também ofertam alimentos reconhecidos como não saudáveis. Uma das mães resumiu assim:

“Talvez por causa do paladar ou o gosto [as FLV] não chamam atenção. Porque às vezes a criança está acostumada a consumir alimentos com muito sal e açúcar e, então, não gosta do que é saudável. A gente tenta não introduzir esses [industrializados] no início, mas às vezes é difícil, porque é mais prático”.

Sabe-se que o paladar é modificado pelo excesso de sal, gordura e açúcar presente em alimentos ultraprocessados, aumentando a rejeição a alimentos como FLV²⁸. Alguns autores denominam a escolha alimentar imposta por um sistema normativo (ter que preferir o saudável em detrimento do que é gostoso) como utopia alimentar¹¹. Essa possibilidade de compreender diferenças e de consumir alimentos não saudáveis (porém gostosos) se mostrou mais claramente no cotidiano das famílias do grupo que incentiva o consumo de FLV. Todavia, as mães/responsáveis que não incentivavam não pareceram dar igual importância a essas influências – se a criança tem apetite e come, está bem.

Outro aspecto importante para o consumo de alguns alimentos é a dimensão afetiva, que engloba a relação com o outro¹³. Neste estudo, as falas mais afetuosas em relação a determinado prato/comida não foram exploradas com as crianças, nem surgiram espontaneamente nas interações na escola. No entanto, esse conteúdo esteve presente nas narrativas das mães/responsáveis, especialmente entre aquelas que incentivam constantemente o consumo de FLV. Possivelmente, por atrelarem a alimentação à saúde e a cuidados maiores com os filhos, acentuaram mais esse componente no âmbito da relação mãe-filho do que as demais. No entanto, para as que menos incentivavam o consumo de FLV, a oferta de algo não desejado simbolizava uma desvalorização do gosto da criança, conseqüentemente, uma certa desconsideração e um desrespeito a suas escolhas. Essas mães buscaram proporcionar aos filhos prazer na alimentação, satisfazendo as suas vontades e preferências. O *comfort food* foi o tipo de alimentação que mais predominou nesse grupo, ou seja, o prazer é um dos sentimentos do consumo com maior valor na alimentação³⁰. De modo diferenciado, a dimensão afetiva do alimento/comida se fez presente em ambos os grupos analíticos destacados, em um ele está mais relacionado ao cuidado e noutro à satisfação e à praticidade mais imediata.

CONCLUSÃO

Observou-se que de forma geral o consumo, ou não de FLV, entre os escolares estudados esteve relacionado com os aspectos organolépticos desses alimentos, com a disponibilidade, com o conceito de saudável, com a presença ou ausência de doença na família e com o afeto. Parece que as FLV não foram identificadas pelas crianças como *comfort food*, e elas seguiram a tendência global de identificar os alimentos industrializados como prazerosos.

A discussão do presente estudo esteve baseada na compreensão sobre o consumo de FLV de crianças e suas mães/responsáveis pertencentes a três escolas de Pelotas-RS. No entanto, as reflexões aqui apresentadas podem contribuir na abordagem nutricional na prática da educação alimentar e nutricional realizada entre escolares. Entende-se que o incentivo ao consumo de FLV deve ser mantido pelos profissionais de saúde, mas planejado

de forma contextualizada à realidade de cada população e deve ocorrer em conjunto com outras ações, tais como, por exemplo, a prática de regulação da produção e propaganda de alimentos industrializados, visto que esses exercem forte interferência na preferência por FLV pelas crianças. E ainda, considera-se a necessidade de realização de outros estudos com abordagem qualitativa a fim de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a determinação do consumo de FLV nessa população.

REFERÊNCIAS

1. Agostoni C, Decsi T, Fewtrellm GO, Kolacek S, Koletzko B. Complementary feeding: a commentary by the ESPGHAN Committee on Nutrition. *J Pediatr Gastroenterol Nutr.* 2008; 46(1): 99-110.
2. Mintz SW. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Rev Bras Ci Soc.* 2001; 47(16): 31-41.
3. Silva FN, Schwartz IH, Menasche R. O tradicional e o moderno na alimentação de famílias rurais pomeranas. *Rev de la Facultad de Agronomía.* 2013; 112 (SIAL): 93-102.
4. WHO [internet]. Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases. Report of a Joint WHO/FAO Expert Consultation. 2003 [acesso 2015 fev 3]. Disponível em: <<http://www.who.int/dietphysicalactivity/publications/trs916/en/>>
5. Costa LCF, Vasconcelos FAG, Corso ACT. Fatores associados ao consumo adequado de frutas e hortaliças em escolares de Santa Catarina, Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 2012 ; 28(6): 1133-1142. doi: 10.1590/S0102-311X2012000600012.
6. Fagundes ALN, Ribeiro DC, Naspitz L, Garbelini LEB, Vieira JKP, Silva AP, et al. Prevalência de sobrepeso e obesidade em escolares da região de Parelheiros do município de São Paulo. *Rev. paul. pediatr.* 2008; 26(3): 212-17. doi: 10.1590/S0103-05822008000300003.
7. Molina M, Bisi C, López PM, Faria CP, Cade NV, Zandonade E. Preditores socioeconômicos da qualidade da alimentação de crianças. *Rev. Saúde Pública.* 2010; 44(5): 785-92. doi: 10.1590/S0034-89102010005000036.
8. Mak TN, Prynne CJ, Cole D, Fitt E, Bates B, Stephen AM. Patterns of sociodemographic and food practice characteristics in relation to fruit and vegetable consumption in children: results from the UK National Diet and Nutrition Survey Rolling Programme (2008–2010). *Public Health Nutr.* 2013; 16(11):1912-23. doi: 10.1017/S1368980013001912.

9. Šumonja S, Novaković B. Determinants of Fruit, Vegetable, and Dairy Consumption in a Sample of Schoolchildren, Northern Serbia, 2012. *Prev Chronic Dis* 2013; 31(10): 1-9. doi:10.5888/pcd10.130072.
10. Vissers PA, Jones AP, van Sluijs EM, Jennings A, Welch A, Cassidy A, *et al.* Association between diet and physical activity and sedentary behaviours in 9-10-year-old British White children. *Public Health*. 2013;127(3):231-40. doi: 10.1016/j.puhe.2012.12.006.
11. Poulain JP, Proença RPC. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Rev Nutr*. 2003; 16(3): 245-56. Doi:10.1590/S1415-52732003000300002
12. Romanelli G. O significado da alimentação na família: Uma visão antropológica. *Rev Medicina*. 2006; 39(3): 333-9.
13. Rotenberg S, Vargas S. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança a alimentação da família. *Rev Bras Saude Mater Infant*. 2004; 4(1): 85-94. doi:10.1590/S1519-38292004000100008.
14. Madruga SW, Araújo CLP, Bertoldi AD, Neutzling MB. Manutenção dos padrões alimentares da infância à adolescência. *Rev Saúde Pública*. 2012; 46(2): 376-86. doi.org/10.1590/S0034-89102012005000016.
15. Abramowicz A, Oliveira F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. *Educação*. 2010; 35(1): 39-52. doi: 10.5902/19846444.
16. Pires F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Rev Antropol*. 2007; 50(1): 225-270. doi:10.1590/S0034-77012007000100006.
17. Victora CV, Knauth DR, Hassen MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000.
18. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008/2009: aquisição alimentar domiciliar *per capita*, Brasil e grandes Regiões. Brasília: IBGE; 2010.
19. Silva LF, Cabral IE, Christoffel MM. O Brincar na Vida do Escolar com Câncer em Tratamento Ambulatorial: Possibilidades para o Desenvolvimento. *Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum*. 2008; 18(3): 275-287.
20. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
21. Bardi L. Análise de conteúdo. 70ª ed. São Paulo: Personal, 1977.
22. Krølner R, Rasmussen M, Brug J, Klepp KI, Wind M, Due P. Determinants of fruit and vegetable consumption among children and adolescents: a review of the literature. Part II: qualitative studies. *IJBNPA*. 2011; 112(8):1-38. doi:10.1186/1479-5868-8-112.

23. Popkin B. Global nutrition dynamics: the world is shifting rapidly toward a diet linked with noncommunicable diseases. *Am J Clin Nutr.* 2006; 84(2):289-98. doi:10.3945/ajcn.114.103564.
24. Rodrigues VM, Fiates GMR. Hábitos alimentares e comportamento de consumo infantil: influência da renda familiar e do hábito de assistir à televisão. *Rev Nutr.* 2012; 25(3): 353-62. doi:10.1590/S1415-52732012000300005.
25. Henriques P, Sally EO, Burlandy L, Beiler RM. Regulamentação da propaganda de alimentos infantis como estratégia para a promoção da saúde. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2012; 17(2): 481-90. doi:10.1590/S1413-8123201200020002.
26. Taylor LJ, Gallagher M, Mccullough FSW. The role of parental influence and additional factors in the determination of food choices for pre-school children. *Int J Consum Stud.* 2004; 28(4): 337–46. doi: 10.1111/j.1470-6431.2004.00391.
27. Fitzgerald A, Heary C, Nixon E, Kelly C. Factors influencing the food choices of Irish children and adolescents: a qualitative investigation. *Health Promot Int.* 2010; 25(3): 289-98. doi: 10.1093/heapro/daq021.
28. Monticelli FDB, Souza JMP, Souza SB. Alimentação e comportamento de adolescentes. *Nutrire.* 2012; 37(1): 64-77. doi:10.4322/nutrire.2012.006.
29. LeBel JL, Lu J, Dubé L. Weakened biological signals: Highly-developed eating schemas amongst women are associated with maladaptive patterns of comfort food consumption. 2008; 94(3): 384-92. doi:10.1016/j.physbeh.2008.02.005.